

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

MARIANE SILVA E LIMA GIEMBINSKY

**A DIACRONIA E A SINCRONIA NO(S) CURSO(S) DE LINGUÍSTICA GERAL: DOS
CURSOS À EDIÇÃO**

Uberlândia
2019

MARIANE SILVA E LIMA GIEMBINSKY

A DIACRONIA E A SINCRONIA NO(S) CURSO(S) DE LINGUÍSTICA GERAL: DOS
CURSOS À EDIÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito exigido para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Silveira

Uberlândia
2019

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

G454 Giembinsky, Mariane Silva e Lima, 1983-
2019 A diacronia e a sincronia no(s) curso(s) de Linguística Geral: dos
cursos à edição [recurso eletrônico] / Mariane Silva e Lima
Giembinsky. - 2019.

Orientador: Eliane Silveira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2358>
Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Silveira, Eliane , 1964-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos
Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ATA DE DEFESA

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, PPGEL				
Data:	trinta de julho de dois mil e dezenove	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	11:00
Matrícula do Discente:	11722ELI015				
Nome do Discente:	Mariane Silva e Lima Giembinsky				
Título do Trabalho:	A diacronia e a sincronia no(s) curso(s) de Linguística Aplicada.				
Área de concentração:	Estudos em linguística e Linguística Aplicada.				
Linha de pesquisa:	Estudos sobre Texto e Discurso.				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Ferdinand de Saussure e a Linguística Geral: da elaboração dos seus conceitos aos seus efeitos.				

Reuniu-se no Anfiteatro/sala 209U, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em **Estudos Linguísticos**, assim composta: Professores Doutores: Marcen de Oliveira Souza, PPGEL/UFU; Núbia Rabelo Bakker Faria, UFAL; Eliane Mara Silveira, PPGEL/UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Eliane Mara Silveira, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Mara Silveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/07/2019, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Núbia Rabelo Bakker Faria, Usuário Externo**, em 30/07/2019, às 11:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcen de Oliveira Souza, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/07/2019, às 11:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1391027** e o código CRC **6F23DE35**.

Dedico este trabalho ao meu pai, que sempre me ensinou pelo exemplo da persistência e do valor da educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me guiar e iluminar nas horas mais difíceis deste processo.

Agradeço especial e principalmente à Profa. Dra. Eliane Silveira, que acreditou em meu trabalho e confiou que eu seria capaz.

Aos membros da banca Prof. Dr. Marcen e Profa. Dra. Núbia, que aceitaram participar da minha defesa e compartilhar os valiosos ensinamentos.

Aos membros da banca de qualificação Prof. Dr. Marcen, Profa. Ms. Thyanne e Prof. Dr. Cleudemar, que contribuíram com a leitura e ensinamentos que fizeram com que a dissertação chegasse ao fim.

Aos colegas do grupo de pesquisa Ferdinand de Saussure: Allana, Micaela, Stefânia e Thyanne, pela paciência em sempre me ajudar. Pelas risadas que demos ao longo desse percurso. Vocês foram essenciais para a conclusão desse Mestrado e eu só consegui graças a vocês. Sou muito grata por tê-las ao meu lado.

A minha filha Letícia, pelo amor e pela paciência. Pela ajuda e conferência de citações.

Ao meu esposo Bruno, pelo encorajamento e força, pelo carinho e amor dedicado durante toda a vida.

Ao meu filhote Nick, que durante todo o processo de escrita, sem exceção, esteve ao meu lado com seu carinho e carinha de amor.

Ao meu pai Edson, por me incentivar sempre a estudar, não só por palavras, mas sempre pelo exemplo de quem acredita na educação.

A minha mãe Maria Helena, pelas leituras do trabalho e correções.

A toda minha família, que acreditou em minha capacidade.

Ao meu Coordenador Rodrigo, que não mediu esforços em me auxiliar a concluir o Mestrado. Sempre com palavras de apoio e se desdobrando para me ajudar nessa fase tão importante da minha vida.

As minhas colegas de trabalho Stephanie, Yolanda e Tatiane, pelo respeito, pelo apoio e compreensão neste momento de crescimento acadêmico.

As minhas colegas queridas Cassia, Priscila, Mariá e Suellen, pela amizade e compartilhamento de informações referentes ao programa.

Às pessoas que, de maneira direta ou indireta, colaboraram para a realização deste trabalho, meus agradecimentos.

RESUMO

Esta dissertação foi desenvolvida com o macro objetivo de investigar o percurso de elaboração de Ferdinand de Saussure, linguista do século XX, que trouxe um novo ponto de vista para a Linguística, possibilitando que esta se tornasse uma ciência moderna. Apresentamos, em um primeiro momento, os estudos do século XIX que se baseavam no ponto de vista diacrônico, por meio das comparações entre as línguas, enfatizando as pesquisas de Rask, Boop, Grimm e Shleicher. Essa investigação foi importante para que pudéssemos verificar o processo de distanciamento das ideias de Saussure dos linguistas contemporâneos a ele. Saussure iniciou seus trabalhos como comparatista ao estudar o sistema das vogais no indo-europeu em 1878. Nesse ano, publicou em Leipzig o *Trabalho sobre o sistema primitivo das vogais indo-europeias* e *Sobre o genitivo absoluto em sânscrito* em 1880. No entanto, o autor genebrino estava à frente do seu tempo, e a partir dos seus muitos questionamentos nos mostra uma nova perspectiva sobre os estudos da língua: a sincronia. O resultado das suas reflexões, em forma de ensinamentos, só foi apresentado ao público após sua morte, com a publicação do Curso de Linguística Geral, obra póstuma, publicada em 1916, por ex-alunos e colegas de Saussure, Bally e Sechehaye. Eles reuniram algumas folhas manuscritas pelo próprio professor e anotações dos alunos que assistiram aos três cursos de linguística geral entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra. Assim, a partir de uma análise comparativa entre os cadernos dos alunos que participaram dos cursos e a edição do livro *Curso de Linguística Geral*, buscamos destacar o percurso de elaboração da teorização de Saussure quanto ao par conceitual diacronia e sincronia. Logo após, dirigimo-nos à questão da ordem quanto a essas perspectivas sobre a língua, pois os editores optaram por não seguir a mesma ordem de apresentação do conteúdo das aulas de Saussure; assim levantamos a seguinte hipótese: houve distorção dos ensinamentos de Saussure pelo fato de a ordem do *Curso de Linguística Geral* não seguir a mesma nos cursos ministrados? Para responder a essa questão, em nossa pesquisa utilizamos como *corpus* inicialmente o *Curso de Linguística Geral* e os cadernos dos alunos, editados por Eisuke Komatsu, George Wolf e Roy Harris, a fim de que pudéssemos comparar a hierarquia de exposição dos conceitos de diacronia e sincronia tanto na edição quanto nos cadernos dos alunos. Além disso, apresentamos as edições críticas que nos permitiram verificar uma nova forma de olhar a questão da ordem dos cursos e a edição, principalmente a de Tullio de Mauro. Ademais, exploramos linguistas que discursaram sobre essa questão no CLG no intuito de verificarmos se houve distorção dos ensinamentos do mestre genebrino durante esse percurso de elaboração.

Palavras-chave: Saussure; Diacronia; Sincronia; Epistemologia; Edição.

ABSTRACT

This dissertation was developed with the objective of investigating the elaboration of Ferdinand de Saussure, a 20th century linguist who brought a new point of view to Linguistics, allowing Linguistics to become a modern science. First, we present the nineteenth-century studies that were based on the diachronic point of view, through the comparisons of languages, emphasizing the research of Rask, Boop, Grimm and Schleicher. This investigation was important so that we could verify the process of distancing Saussure's ideas from contemporary linguists. Saussure began his work as a comparator by studying the vowel system in the Indo-European in 1878. In that year, he published in Leipzig the Work on *the Primitive System of the Indo-European Vowels* and *On the Absolute Genitive in Sanskrit* in 1880. However, the genevan author was ahead of his time, and from his many questions shows us a new perspective on the studies of language: the synchrony. The result of his reflections, in the form of teachings, was only presented to the public after his death with the publication of the *Course in General Linguistics*, posthumous work, published in 1916, by alumni and colleagues of Ferdinand de Saussure, Bally and Sechehaye. They gathered a few handwritten sheets by the professor himself and notes from the students who attended the three general linguistics courses between 1907 and 1911 at the University of Geneva. Thus, based on a comparative analysis between the students' books that participated in the courses and the edition of the book *Course in General Linguistics*, we sought to point out the course of elaboration of Saussure's theorization about the conceptual pair diachrony and synchrony. Afterwards, we present the question of order regarding these perspectives on the language, because the editors chose not to follow the same order of presentation of the content of Saussure's classes; so we raised the following hypothesis: was there a distortion of the teachings of the Genevan master due to the fact that the *Course in General Linguistics* did not follow the order of the courses taught? In order to answer this question in our research, we initially used the *Course in General Linguistics* and the students' notebooks that attended the master classes, edited by Eisuke Komatsu, George Wolf and Roy Harris, so that we could compare the order of exposure of the concepts of diachrony and synchrony in both the edition and the notebooks of the students. In addition, we present the critical issues that allowed us to verify a new way of looking at the issue of the order of the courses and the edition, mainly the critical edition of Tullio de Mauro. In addition, we explored linguists who spoke about this issue in the CLG in order to verify if there was distortion of the teachings of the master genevan during this course of elaboration.

Keywords: Saussure; Diachrony; Synchrony; Epistemology; Edition.

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1 Breves considerações sobre a gramática comparada e os estudos neogramáticos para a formação de Saussure	16
1.1 Considerações iniciais	16
1.2 Gramática Comparada	17
1.3 Estudos neogramáticos	24
1.4 A produção de Saussure no século XIX	25
1.5 Linguística Moderna.....	29
Capítulo 2 Diacronia e sincronia nos cursos de Linguística Geral e no CLG	32
2.1 Considerações iniciais	32
2.2 Diacronia e sincronia nos cadernos dos alunos	33
2.2.1 I Curso de Linguística Geral.....	33
2.2.2 II Curso de Linguística Geral	36
2.2.3 III Curso de Linguística Geral	44
2.3 Diacronia e sincronia no CLG	47
2.4 Diferença entre cursos ministrados e CLG.....	60
Capítulo 3 A recriação dos cursos de linguística geral: a edição do CLG	65
3.1 Considerações iniciais	65
3.2 Os editores do CLG	65
3.3 Pedacos de papel.....	67
3.4 A recriação da ordem	70
3.5 Edições críticas	73
3.6 Fidelidade da edição	77
3.7 Linguística para Saussure	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	89

Introdução

A publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, de autoria de Ferdinand de Saussure, consistiu em um marco para os estudos linguísticos, visto ter concedido à Linguística o título de ciência moderna.

A teoria de Saussure, no entanto, não se desenvolveu tão somente no século XX. Antes disso é preciso lembrar que a formação teórica saussuriana se deu no século XIX, nos estudos da Gramática Comparada, que priorizava a investigação da regularidade nas transformações da linguagem por meio da comparação de várias línguas, a fim de demonstrar o parentesco entre elas. O objetivo inicial dessas pesquisas era a busca por uma língua-mãe, a protolíngua, no intuito de comparar as línguas através do tempo na perspectiva diacrônica.

Neste trabalho, procuramos demonstrar a passagem da diacronia para a sincronia nos estudos saussurianos. Nessa nova perspectiva sobre a língua, o objetivo não seria mais a protolíngua e sim a língua vista enquanto um sistema e a forma de estudo para esse novo objeto seria na perspectiva sincrônica, isto é, se relaciona com tudo o que está ligado ao aspecto estático da Linguística, já que para o linguista genebrino o objetivo da Linguística não se pauta nas transformações ocorridas ao longo do tempo, e sim no estado em que a língua se encontra em um determinado momento. Vemos que o passo dado por Saussure em relação aos seus contemporâneos é bastante significativo.

Todavia, essas ideias inovadoras na forma de estudo da língua só foram apresentadas ao público após a morte de Saussure em 1916, com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (CLG). Por ser uma obra póstuma, editada por seus colegas Charles Bally e Albert Sechehaye, resultado de anotações de Saussure e dos cadernos dos alunos que assistiram às aulas ministradas por ele no período entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra, essa obra despertou tanto interesse dos linguistas quanto críticas ao modo como as ideias do mestre foram editadas.

Nesse livro, a ordem de exposição dos conteúdos escolhida pelos editores não segue a mesma sequência das aulas: os editores apresentaram inicialmente os estudos da elaboração de Saussure na sincronia e após na diacronia. Dessa forma, levantamos a hipótese de que a ordem estabelecida pelos editores interfere na compreensão da teoria saussuriana.

Para isso, os seguintes questionamentos nos auxiliarão no desenvolvimento desta pesquisa, considerando nosso objetivo geral que é analisar a relação entre o percurso de elaboração de Saussure nos conceitos de diacronia e sincronia e a ordem da edição do CLG no que diz respeito a esses conceitos:

- i) qual a influência dos estudos diacrônicos na formação teórica de Saussure?
- ii) como essas duas perspectivas diferentes: a diacronia e a sincronia são apresentadas durante as aulas?
- iii) como acontece a passagem teórica da diacronia para a sincronia em suas aulas e o que a difere da edição?
- iv) de que forma a edição do Curso delimitou os conceitos de diacronia e sincronia?

Partindo de tais questionamentos, no Capítulo 1 do nosso trabalho “Breves considerações sobre a gramática comparada e os estudos neogramáticos para formação de Saussure”, demonstraremos como os estudos do século XIX foram importantes para a formação teórica de Saussure. Exploraremos a forma de estudo diacrônica e de que modo essa perspectiva contribuiu para os estudos sincrônicos. Investigaremos a mudança da perspectiva em relação aos estudos sobre a linguagem e a língua, do diacrônico para o sincrônico, que concederam posteriormente à Linguística seu estatuto de ciência moderna.

No Capítulo 2 “A diacronia e a sincronia nos cursos de Linguística Geral e no CLG”, examinaremos os cadernos dos alunos e o CLG nos limitando aos conceitos diacronia e sincronia. Assim, com base na reflexão desenvolvida no capítulo anterior, retomaremos a edição do CLG e faremos uma análise de como foi exposto esse par conceitual em cada material escolhido.

No Capítulo 3, intitulado “A recriação dos cursos de Linguística Geral – Edições do CLG”, apresentaremos de que forma, após a morte do mestre, seus ex-alunos e colegas iniciaram o projeto de edição e publicação do livro *Curso de Linguística Geral*. Daremos destaque, também, às cartas trocadas entre os linguistas demonstrando essa intenção em publicar ideias as quais eles achavam inovadoras para o estudo da Linguística. Ainda, nesse capítulo, traremos quais interesses por parte dos linguistas foram despertados após a publicação do Curso e as edições críticas que surgiram, além de alguns comentários de estudiosos do século XX referenciando a ordem do CLG.

Esta investigação irá nos ajudar a compreender o caminho percorrido por Saussure e entender o lugar que a Linguística representa em seus estudos, desde a gramática comparada e os estudos neogramáticos até a teoria sobre a linguística geral, permitindo que possa ser verificado o movimento da passagem da diacronia – presente nos primeiros estudos – para a sincronia.¹

A reflexão será desenvolvida, como já pontuamos, a partir da análise do CLG e dos

¹ Alguns autores tratam a diacronia e sincronia como método. Neste trabalho, adotaremos o par conceitual como perspectiva.

cadernos dos alunos. Para o primeiro e segundo cursos utilizaremos os cadernos de A. Riedlinger, editado por Eisuke Komatsu e George Wolf nos anos de 1996 e 1997, respectivamente, e para o terceiro curso os cadernos de E. Constantin, cadernos editados por Eisuke Komatsu e Roy Harris no ano de 1993. Posteriormente, no aprofundamento da discussão, traremos as edições críticas *Les sources manuscrites du Cours de linguistique generale* de F. de Saussure, de Robert Godel, publicado em 1957, as edições críticas de Rudolf Engler tomo 1 e tomo 2, publicadas em 1967 e 1974, e a edição crítica de Túlio de Mauro publicada em 1967. Além desses materiais, as nossas análises buscarão fundamentos entre os pesquisadores saussurianos, tais como Claudine Normand, Eliane Silveira e Roy Harris, autores do século XX e XXI e seus respectivos trabalhos a respeito da ordem do CLG.

Capítulo 1 Breves considerações sobre a gramática comparada e os estudos neogramáticos para a formação de Saussure

1.1 Considerações iniciais

A partir da publicação do *Curso de Linguística Geral* a Linguística pôde ser considerada uma ciência Moderna. Tal mudança aconteceu a partir do momento em que Saussure definiu a língua como objeto de estudos da Linguística e priorizou uma forma de abordá-la: a sincronia. Todavia, para se chegar a essa construção, Saussure percorreu um caminho trilhado por muitos linguistas da época, e após sua insatisfação² é que ele atinge seu objetivo.

No século XIX, a linguística ocupa-se dos estudos que comparavam as línguas entre si e tinham como objetivo buscar uma protolíngua. Em 1816, a publicação da obra *Sistema da conjugação do sânscrito*, de Franz Bopp, teve um papel fundamental para os estudos comparados, pois “foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma, esclarecer uma língua por meio da outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito” (SAUSSURE 2012[1916], p. 32). A descoberta do sânscrito expandiu os estudos comparados, pois forneceu uma base mais consistente de comparação entre as línguas.

Após o período dedicado à Gramática Comparada, temos a emergência do movimento da escola neogramática³, na qual não há busca da língua mãe, mas sim a explicação da existência da linguagem e da língua enquanto veículo de comunicação social. Para Saussure, o destaque dessa escola foi colocar uma perspectiva histórica nos resultados das comparações.

Neste capítulo, abordamos as críticas feitas pelo mestre, que as reconheceu como fundamentais para o desenvolvimento de sua teoria. Saussure teve sua base de estudos na Gramática Comparada, porém não se sentia confortável com os rumos que a linguística tomava naquele período. E é a partir dessa insatisfação que ele se questiona sobre qual seria o objeto real da linguística e essa pergunta mudaria a direção de seus estudos. No entanto, a diacronia foi essencial para que ele chegasse à sincronia.

² Insatisfação que o autor demonstra em cartas escrita a Meillet em 1891 e que será retomada no capítulo 3.

³ O termo *junggramatiker* significa “jovens gramáticos”, mas o movimento ficou conhecido como neogramáticos. Inicialmente o termo era usado de forma pejorativa, no entanto, os próprios pesquisadores aceitaram o termo e assim se autodenominavam. Manifesto do século XIX que inicia com a publicação do prefácio escrito por Hermann Osthoff e Karl Brugmann para a revista “Morphologischen Untersuchungen”, publicada a primeira edição em 1878.

1.2 Gramática Comparada

Este capítulo é eminentemente histórico e retoma o século XIX. Para isso, fundamentalmente acompanharemos os estudiosos na área, tais como Morpurgo Davies (1998), Auroux (2000), Normand (2009) e Colombat *et al.* (2017).

Em virtude da grande importância da gramática comparada nos estudos da linguagem e, ainda, destacando que Saussure teve toda a sua formação acadêmica nesse período, dedicaremos uma parte desta dissertação sobre essa fase.

As pesquisas sobre a linguagem tiveram destaque no século XIX e a forma de estudo era o histórico-comparativo. Esses estudos pesquisavam o parentesco entre as línguas que buscavam a particularidade dos sistemas, por meio da descrição das famílias de línguas que possuíam estruturas diferentes. Ocupavam-se da história das línguas, procurando uma língua-mãe, a protolíngua de uma família e posteriormente estabelecer as leis de mudança. A partir desses estudos comparados, os linguistas perceberam que havia muitas semelhanças entre o sânscrito, língua antiga da Índia, com o latim e o grego e ainda com outras línguas europeias.

Apesar de ter o auge da pesquisa em relação à comparação de línguas, sabemos que essas pesquisas não tiveram início no século XIX. Vários povos em épocas antigas realizaram essas comparações.

A pesquisa dos “parentescos” linguísticos não é menos antiga e, da Renascença até o século XVIII, os progressos são consideráveis nos domínios semíticos, fino-húngaros e austronésios, que levam a inúmeros desenvolvimentos e a inúmeras descobertas. Antes, os eruditos da Renascença remontam aos historiadores gregos e latinos, aos comentadores da tradição judaico-cristã e se referem a Heródoto, Estrabão, Dexion (autor de uma *Schythica*), Troguo Pompeu, Justin... para encontrar rastros de uma população dos rios do mar do negro, os *Schytes* [“Citas”], do que assinalamos a extrema antiguidade. (COLOMBAT *et al.*, 2017, p. 203).

Normand (2009) ressalta que a partir da observação e comparação das línguas a gramática comparada se distancia do interesse das gramáticas tradicionais que tinham interesses filosóficos:

Um gramático, tradicional ou comparatista, interessa-se pela descrição e pela classificação das formas e não se pergunta, muitas vezes, se seus critérios de classificação dependem de postulados filosóficos mais ou menos claramente formulados. Esses últimos concernem a uma definição filosófica da

linguagem de que os pesquisadores da descrição em geral prescindem. Ao passo que a gramática comparada se orienta maciçamente no sentido da história das línguas, a ponto de ver na comparação apenas o meio de se reconstruir as formas arcaicas da ‘protolíngua’ de uma família e, por consequência, o meio de elaborar as leis de mudança, a prática descritiva fica totalmente independente das ideias gerais acerca da linguagem e muito pouco crítica em relação às ideias recebidas. (NORMAND, 2009, p. 41)

O que depreendemos dessa afirmação é que essa tendência marca uma nova forma de estudos sobre a língua, no século XIX. A partir desse momento, os estudiosos se interessam por analisar características das línguas naturais, destacando os fatores linguísticos, buscando a reconstrução das famílias de línguas.

Morpurgo Davies (1998, p. 153) mostra que o comparatismo iniciado no século XIX teve como oponente o classicismo que vigorava no início desse século. Os objetivos entre eles eram diferentes: os classicistas estudavam a linguagem em prol dos textos literários, já os comparatistas afirmavam que a linguagem tinha que ser estudada por si mesma e que deveria abranger todas as formas de textos e não somente os textos literários.

Os objetivos dos classicistas e comparativistas também foram diferentes: o primeiro estudou a língua pelo bem dos textos literários; o último declarou que a linguagem tinha que ser estudada por si mesma e que as línguas primitivas e os textos não literários eram tão interessantes quanto o mais perfeito poema grego. (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 153)⁴

Ainda, com Morpurgo Davies (1998, p. 152), foi no século XIX que se deu o início à institucionalização de disciplinas acadêmicas como nós as conhecemos agora, e também à identificação e criação de novas disciplinas. Em muitos casos, o modelo aprovado era o das universidades alemãs que seguiam tendências de uma Universidade voltada para a pesquisa e ensino.

A autora assegura que, a partir de então, três caminhos novos se abrem para a linguística: no primeiro, os estudos detiveram-se na escrita e decifração, que tiveram início no fim do século XVIII, trazendo um grande interesse pela escrita e uma conexão entre linguagem e escrita, ou seja, o poder da linguagem para resolver enigmas (Morpurgo Davies, 1998, p. 157). “O método comparativo compreendido no sentido histórico genealógico, se difunde da linguística para as ciências sociais” (LEOPOLD *apud* MORPURGO DAVIES, 1998, p. 158).⁵

⁴Tradução nossa de: The aims of classicists and comparativists were also different: the former studied the language for the sake of the literary texts; the latter declared that language had to be studied for its own sake and that the primitive languages and non-literary texts were as interesting as the perfect Greek poem.

⁵ Tradução nossa de: The comparative method understood in the historical genealogical sense spreads from linguistics to the social sciences.

O segundo caminho da Linguística é demarcado pela introdução dos estudos fonéticos e teria origem nas ciências naturais. No início do século XIX, assinala a autora, a maioria dos estudiosos, com exceção de Rask, não tinha conhecimento de fonética. Nesse estágio das pesquisas, os linguistas entendiam que deveriam iniciar os estudos fonéticos à Linguística. Esses tinham como objetivo principal a análise fisiológica dos sons usados na linguagem.

Neste contexto, podemos também citar os trabalhos sobre afasia pelo cirurgião francês Paul Broca (1824-80), que abriu o caminho para os estudos sobre a localização da faculdade lingüística no cérebro e para uma *reaproximação* dos estudos de neurologia e lingüística. (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 162)⁶

O terceiro caminho refere-se à linguística histórica e comparativa. Paris afirmava que “não existe em nenhuma língua um único fato que pode ser explicado sem recorrer à história dessa língua”⁷ (PARIS *apud* MORPURGO DAVIES, 1998, p.165), ou seja, “o estado atual de uma língua é apenas a consequência de seu estágio anterior”⁸ (PARIS *apud* MORPURGO DAVIES, 1998, p.165). Para ele, a história fornece a única explicação dos fatos lingüísticos, que formará a base da teoria lingüística que irá prevalecer na década de 1880.

No final do século XVIII, com os estudos sobre o sânscrito⁹, surge uma busca maior por essas pesquisas. W. Jones (1746-1794), considerado um iniciador dos estudos em sânscrito, descobriu afinidades tanto nas raízes dos verbos quanto nas formas gramaticais, que não podiam ser simples coincidências. Diante desse fato, os pesquisadores iniciaram a busca sobre a origem das línguas.

Colombat *et al.* (2017, p. 205) ressaltam que desde o século XVI já havia a busca pela origem da língua. Os hindus já tentavam, por meio de comparações, verificar o parentesco das línguas. Mas foi em 1786, que Jones, num discurso proferido na Sociedade Asiática de Calcutá, afirmou de forma mais precisa as afinidades entre o sânscrito, o latim e o grego, mostrando que elas poderiam ter uma origem em comum. Os autores falam em “descobertas ou mais precisamente de redescobertas” feitas por Jones. (COLOMBAT *et.al.*, 2017, p. 205).

⁶ Tradução nossa de: In this context, we can also quote the works on aphasia by the French Paul Broca (1824-80), which opened the way to the studies on the localization of the linguistic faculty in the brain and to a rapprochement of the studies of neurology and linguistics.

⁷ Tradução nossa de: il n'y a pas dans une langue un fait qu'on puisse expliquer sans avoir recours a l'histoire de cette langue.

⁸ Tradução nossa de: the present state of a language is only the consequence of its earlier stage.

⁹ Morpurgo Davies (1998) lembra que William Jones não foi o primeiro a ter contato com o sânscrito. A autora afirma que essa língua já era conhecida desde o século XVI com Felippo Sasseti que escreveu um livro no qual explicitava algumas similaridades entre o sânscrito e o italiano.

Auroux (2000) também reafirma essa ideia, esclarecendo que a atribuição da descoberta do sânscrito a William Jones é uma lenda transmitida por “não especialistas” na linguagem.

Ainda com Colombat *et al.* (2017, p. 205) vemos que o sânscrito é difundido por Schlegel (1772-1829) e aparece na publicação *De la langue et du savoir des Indiens* (1808), em que o autor destaca a análise morfológica e demonstra a importância dessa análise para a elucidação das relações genético-linguísticas.

Nesse livro, Schlegel reforça a tese de W. Jones sobre o parentesco do sânscrito com o latim, o grego, o germânico e o persa (Colombat *et al.*, 2017). Esse parentesco ia além das raízes lexicais, pois se verificou uma semelhança também entre as estruturas gramaticais, e tais semelhanças não seriam obra do acaso e sim consequência da mesma origem. Assim, era necessário comparar as línguas para que se estabelecesse o parentesco entre elas e sua ascendência em comum.

Aroux *et al.* (2000) verificam que, no espaço de quatro anos, três publicações da segunda década do século XIX irão mudar a compreensão do parentesco entre as línguas na Europa: a publicação em 1816 de Bopp, em 1818 de Rask e 1819 de Grimm.

-1816: Bopp, estuda *sur le système de conjugation du sanskrit comparé à ceux du grec, du latin, du perse et du germanique (en allemand)* que efetivamente é a primeira comparação sistemática de paradigmas das línguas europeias com o sânscrito.

- 1818: Rask, *Recherche sur l'origine du vieux-norrois ou islandais* (em dinamarquês; premiado em 1814 pela Academia dinamarquesa) que utiliza sistematicamente as correspondências fonéticas.

1819: Grimm, *Deutsche Grammatik*, que é uma comparação dos diferentes dialetos germânicos: vamos nos lembrar especialmente do 2 em (1822), onde sob a influência de Rask, é exposta a dupla mutação consonantal das línguas germânicas, que se tornará, ao longo do século, o próprio exemplo da "lei fonética". (AUROUX *et al.*, 2000, p. 155)¹⁰

De acordo com Morpurgo Davies (1998, p. 124), Rask, Bopp e Grimm são vistos como os iniciadores da gramática comparativa e histórica; Bopp como fundador do comparativismo, Grimm como fundador da linguística histórica e Rask como precursor de ambos.

Rasmus Rask (1787-1832) escreveu várias gramáticas que são basicamente descritivas e incluem morfologia, formação de palavras e sintaxe (Morpurgo Davies, 1998). Publicou em 1818 o livro *Pesquisa sobre a origem do nórdico antigo ou islandês*, no qual utiliza

¹⁰ Tradução nossa de: -1816: Bopp, *étude sur le système de conjugaison du sanskrit comparé à ceux du grec, du latin, du perse et du germanique (en allemand)* que effectue la première comparaison systématique de paradigmes de langues européennes avec ceux du sanskrit;

-1818: Rask, *Recherche sur l'origine du vieux-norrois ou islandais* (em danois; primée em 1814 par l'Académie danoise) qui utilise systématiquement les correspondances phonétiques;

-1819: Grimm, *Deutsche Grammatik*, qui est une comparaison des différentes dialectes germaniques: on retiendra surtout la 2^e en. (1822), où se trouve exposée, sous l'influence de Rask, la double mutation consonantique des langues germaniques, qui deviendra, tout au long du siècle, l'exemple même de la "loi phonétique".

sistematicamente as correspondências fonéticas. Para ele, a gramática não pode ser unicamente prescritiva, mas deve explicar o uso, causas e origens. Buscava não só a origem das palavras, mas também a origem das flexões, isto é, a morfologia histórica. Para Rask, a palavra tem um significado mais amplo do que o seu idioma, por isso não pode ser feito com base apenas em uma língua; o estudo da palavra deve ser feito com base na comparação, pois as línguas estão relacionadas.

Todas as gramáticas de Rask são basicamente descritivas e incluem, após uma discussão de ortografia e fonologia, capítulos sobre morfologia, palavra, formação e sintaxe. Na introdução à gramática islandesa de 1811 ele explicou que uma gramática não deve ser meramente prescritiva, mas deve também descrever o uso e explicar suas causas e origens¹¹. (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 125).

Franz Bopp (1791-1867) é considerado o fundador da nova linguística comparativa (Morpurgo Davies, 1998, p. 129), que buscava as semelhanças existentes entre as línguas indo-europeias, por meio da comparação de línguas a fim de encontrar o parentesco entre elas. Ele acreditava que o sânscrito seria a língua inicial para todas as línguas indo-europeias. A partir disso, ele mudava em uma sequência de transformações.

Em 1816, Bopp publicou o livro *Estudo do sistema de conjugação do sânscrito comparado ao do grego, do latim, do persa e do germânico* no qual verifica a aproximação do sânscrito com as línguas europeias. De acordo com Morpurgo Davies (1998, p. 130), Bopp partiu do pressuposto de que o parentesco das línguas citadas no título não precisaria de demonstração e continuava com uma análise comparativa detalhada de sua morfologia verbal.

O livro se propõe a demonstrar que nos primeiros estágios da linguagem, formas verbais surgiram da junção (diríamos aglutinação) de raízes que carregavam o significado lexical básico com outros segmentos autônomos (formas do verbo 'ser', ou seja, da cópula, ou pronomes), que indicava relações gramaticais. Comparação sistemática entre formas equivalentes de diferentes línguas permite ao linguista distinguir as formas antigas das novas e reconstruir um estágio no qual a opacidade formal ainda não havia se estabelecido¹². (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 130)

¹¹Tradução nossa de: All Rask's grammars are basically descriptive and include, after a discussion of spelling and phonology, chapters about morphology, word formation and syntax. In the introduction to the Icelandic grammar of 1811 he explained that a grammar should not be merely prescriptive but should also describe usage and account for its causes and origins;

¹² Tradução nossa de: The book sets out to demonstrate that in the earliest stages of language, verbal forms arose from the joining (we would say agglutination) of roots which carried the basic lexical meaning with other autonomous segments (forms of the verb 'to be', i.e. of the copula, or pronouns) which indicated grammatical relations. Systematic comparison between equivalent forms of different languages allows the linguist to distinguish the old forms from the new and to reconstruct a stage in which formal opacity had not yet set in.

Bopp tinha a convicção de que as línguas indo-europeias representavam as formas mais evoluídas das línguas primitivas e seria o método comparativo que permitiria a reconstrução do estado primitivo da linguagem, sem exceções.

O método adotado por Bopp é questionado por Morpurgo Davies (1998) quando a autora se pergunta se este era apenas comparativo ou também histórico e nota que para Bopp não há uma resposta simples.

Bopp não estava tentando escrever o que hoje chamamos de história de uma língua, seja ela indo-europeia ou sânscrito. Uma história teria exigido uma perspectiva diferente e aqueles interesses culturais ou etnológicos que Bopp não tinha. [...] Além disso ele também estava relutante em realizar o paciente trabalho filológico que organiza textos ou fontes em ordem cronológica com o objetivo de encontrar evidência tangível para mudança da linguagem¹³(...) (MORPURGO DAVIES, 1998, p.133)

Para a autora, no entanto, seria errado vê-lo como um puro comparatista que não tinha interesse no desenvolvimento da linguagem.

Quando ele identifica *Wohllautgesetze*, ou seja, as leis de mudança fonológica ou observa a re-criação de novas formas gramaticais de acordo com os antigos padrões, ou comenta sobre o fato de que formas aparentes idênticas podem ser as inovações paralelas, ele está de fato abrindo o caminho para uma compreensão do como, se não o porquê, da mudança da língua.¹⁴ (MORPURGO DAVIES, 1998, p.133).

Morpurgo Davies (1998, p. 134) ressalta, ainda, que Bopp foi muito influenciado por Schlegel, que tem em comum, além do entusiasmo pelo sânscrito, um interesse nas fases primitivas da linguagem, alguma forma de organicismo, uma visão da linguagem como sujeita a uma forma de decadência que destruiu regularidades gerais e a convicção em comparação com a intenção de reconstruir as fases perdidas das línguas. Mesmo assim, não há em Bopp uma conexão entre idioma e a nação, que é uma característica do historicismo, mas, ao contrário, suas teorias estão fundamentadas na tradição racionalista.

Saussure afirma que a publicação da obra *Sistema da conjugação do sânscrito*, de Franz

¹³Tradução nossa de: Bopp was not trying to write what we now call the history of a language, be it Indo-European or Sanskrit. A history would have required a different outlook and those cultural or ethnological interests which Bopp did not have (...). Moreover he was also reluctant to undertake the patient philological work which arranges texts or sources in chronological order with the aim of finding tangible evidence for language change;

¹⁴Tradução nossa de: When he identifies *Wohllautgesetze*, i.e. laws of phonological change, or observes the re-creation of new grammatical forms according to the old patterns, or comments about the fact that apparently identical forms may be due to parallel innovations, he is in fact opening the way to an understanding of the how, if not the why, of language change.

Bopp, teve um papel fundamental para os estudos comparados, pois “foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma, esclarecer uma língua por meio da outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito” (SAUSSURE 2012[1916], p. 32). A descoberta do sânscrito expandiu os estudos comparados, pois forneceu uma base mais consistente de comparação entre as línguas.

A publicação da *Grammaire germanique* (1819-1822) de J. Grimm deu início aos estudos comparados na Alemanha. É a ele atribuída a Lei de Grimm que Auroux *et al.* (2000, p.161) identificam como uma descoberta genuína, factual e metodológica, e como a maioria das grandes descobertas, faz parte de uma longa tradição em que o historiador pode reconhecer várias formulações parciais e relacionadas. Antes de Grimm, a palavra era a unidade elementar da etimologia; com a mutação consonantal, é a letra (ou fonema) que é a unidade elementar da mudança, e esta afeta todas as ocorrências da letra (regularidade), assim, a evolução da palavra é apenas um resultado.

A grandeza de Grimm é precisamente como combinar um profundo senso de concretude da linguagem e um espírito de síntese sistemática. Ele deu um nome para os fatos morfológicos: verbos fortes e verbos fracos, declinações fortes e fracos, *Umlaut*, *Ablaut* (apofonia ou alternância vocálica). Ele sabe apresentar os fenômenos para dar-lhes valor de generalidade explicativa¹⁵ (AUROUX *et al.*, 2000, p. 160)

Morpurgo Davies (1998) observa que havia uma interlocução entre Bopp e Grimm, pois eles se conheciam e estavam a par das publicações um do outro. Além do mais, conheciam o trabalho de Rask e Schlegel. No entanto, eles diferenciavam tanto em seus objetivos quanto em sua base teórica.

A partir da metade do século XIX aparecem as pesquisas de August Schleicher (1821-1868), que traziam uma vertente naturalista para o estudo das línguas (Auroux, 2000).

Schleicher com essa nova proposta apresenta duas inovações metodológicas (Morpurgo Davies, 1998, p. 167): a primeira seria o esquema da árvore genealógica em linguística e a segunda a reconstrução hipotética do indo-europeu primitivo. Essa representação em esquema de árvore de filiações genéticas entre línguas seria procedente de uma transposição das representações naturalistas para os domínios da linguística histórica, ou seja, para

¹⁵Tradução nossa de: La grandeur de Grimm, c'est précisément de savoir combiner un profond sens du concret de la langue et un esprit de synthèse systématique. Il donne un nom aux faits morphologiques: verbes forts et verbes faibles, déclinaisons forte et faible, déclinaisons forte et faible, Umlaut, Ablaut (aphonie ou alternece vocalique) Il sait présenter les phénomènes de façon à leur donner valeur de généralité explicative.

Schleicher as línguas eram consideradas organismos naturais que nascem, crescem, desenvolvem e depois morrem. Essas fases da língua aconteceriam independentes da vontade humana, uma vez que se trata de uma ciência natural, que segue as leis da natureza.

Morpurgo Davies (1998, p. 168) afirma que a novidade no *Compendium* de Schleicher não está no uso de reconstrução ou mesmo na metodologia de reconstrução das línguas. A novidade está “no compromisso com uma reconstrução explícita e completa de todas as formas que podem ser atribuídas à língua-mãe”¹⁶. (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 168). Schleicher começa com uma descrição da reconstrução sons e formas do indo-europeu e, em seguida, discute desenvolvimentos nas línguas individuais.

O modelo de árvore, onde cada língua atestada corresponde a um ramo da árvore e são descendentes correspondentes ao tronco, bem como um ancestral comum atende dois propósitos ao mesmo tempo; ele define geneticamente as relações que implicam uma ancestral comum, ou seja, da mesma proto-língua (Ursprache), mas também indica o grau de relação entre os vários membros da família¹⁷. (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 170).

O que Morpurgo Davies esclarece é que o modelo de árvore para representação do processo de desenvolvimento das línguas relacionadas tem dois objetivos: o primeiro de definir a relação genética, implicando um ancestral comum, ou seja, mesma protolíngua e segundo, indicar o grau de relacionamento entre os vários membros da família. Dessa forma, é possível demonstrar por meio de quais estágios intermediários procede a reconstrução.

Foi nesse contexto de estudos da linguagem em que Saussure teve sua formação teórica, mas também contra as quais ele formulou algumas críticas, tais como: a Gramática Comparada não determinou a natureza do objeto, não estava claro o objetivo das comparações e foi exclusivamente comparativa sem ser histórica. Além disso, baseava-se somente nas línguas indo-europeias.

1.3 Estudos neogramáticos

A partir da década de 1860 e 1870 surge na Alemanha uma nova perspectiva de pesquisa que teve início em Leipzig, chamada de *Junggrammatiker*. Os representantes dessa

¹⁶ Tradução nossa de: it is rather in the commitment to an explicit and full reconstruction of all the forms which can be attributed to the parent language.

¹⁷ Tradução nossa de: The tree model, where each attested language corresponds to a branch of the tree and the language from which they are descended corresponds to the trunk, fulfils two purposes at the same time: it defines genetic relationship as implying descent from a common ancestor, i.e. from the same proto-language (Ursprache), but it also indicates the degree of relationship between the various members of the family.

escola são os alemães August Leskien, Hermann Paul, H. Osthoff e K. Brugmann, os quais sofrem grande influência do movimento positivista de A. Comte (1798-1857); são contra as concepções românticas e, ainda, defendem a regularidade das leis fonéticas. Esse período foi significativo para a linguística comparada por dar à disciplina um caráter mais científico e preciso (Morpurgo Davies, 1998, p. 229).

Morpurgo Davies (1998, p. 231) mostra que esse movimento teve início em 1878 com a publicação da revista *Morphologischen Untersuchungen*, fundada por Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919). Nessa revista há um artigo em que Osthoff e Brugmann criticam a concepção naturalista da língua, pois para eles esta se relaciona ao indivíduo falante, ou seja, a língua existe no indivíduo falante e as mudanças se originam a partir do sujeito.

Nessa época, fica claro que o objetivo dos *junggrammatiker* já não era mais a busca da língua-mãe, pois a eles interessava a mudança linguística e não a reconstrução de formas anteriores. Além disso, criticavam seus antecessores, pois os mesmos se fixaram apenas nas regularidades, e as irregularidades eram vistas como exceções.

Os neogramáticos acreditavam na ideia de que o estudo da mudança deveria ir além da observação dos fatos; deveria ser traçada uma teoria da evolução das línguas e os resultados deveriam ser aplicados a todas as línguas (Auroux, 2000, p.417).

Saussure afirma que o mérito dos neogramáticos foi colocar uma perspectiva histórica nos resultados das comparações. “Graças ao neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 36).

E é nesse caráter da história das línguas que Saussure insiste. Para ele, a língua tem uma história e essa perspectiva histórica deve ser colocada nas comparações das línguas.

1.4 A produção de Saussure no século XIX

Na edição crítica de Tullio de Mauro (2005 [1967]), conhecemos a trajetória acadêmica de Saussure. O linguista nasceu em 26 de novembro de 1857 em um meio familiar de intelectuais e pesquisadores em várias áreas, mas não em estudos da linguagem. No entanto, em virtude da influência de um conhecido da família, Adolphe Pictet¹⁸, Saussure começou seus

¹⁸ Linguista suíço conhecido por seu trabalho em paleontologia linguística que tratava da origem indo-europeia de várias línguas antigas e modernas.

estudos nessa área.

Já no ano de 1872, com apenas 16 anos, apresentou o *Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombre de racines* no qual propunha um “sistema geral da língua”, pois afirmava que em qualquer língua conhecida por ele era possível identificar raízes universais, formadas por duas ou três consoantes, considerando-se que p, b; f e v eram equivalentes, bem como k, g e ch e t, d e th. Esse ensaio foi entregue a Pictet que não o encorajou muito a formular leis universais em linguística (DE MAURO, 2005 [1967], p. 322-323). Em 1874, seguindo os conselhos de Pictet, Saussure começou a estudar o sânscrito na gramática comparada de Bopp. No entanto, por influência da família, começou os estudos em química e física na Universidade de Genebra no ano de 1875, deixando momentaneamente de lado suas pesquisas em linguística.

Em 1876, Saussure retomou seus estudos em linguística e foi para Leipzig, local em que se encontravam grandes linguistas do indo-europeu e onde se iniciava o movimento dos neogramáticos. Como visto anteriormente, estes buscavam leis objetivas que explicassem cientificamente o porquê das diferenças entre as línguas indo-europeias, visto terem a mesma origem.

Durante o período de 1876 a 1880, Saussure foi para Leipzig, época em que estavam em destaque os estudos neogramáticos. De acordo com De Mauro (2005 [1967], p. 327), Saussure, com 21 anos, em 1878, apresentou o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européenne* no qual descreve as múltiplas formas da manifestação da vogal *a* do indo-europeu “neste trabalho difícil e altamente especializado porque ele confirma e ilustra a habilidade preciosa de Saussure de dar uma visão quase matemática à língua.” (BOUISSAC, 2012, p. 79). No *Mémoire*, Saussure demonstrava a familiaridade do sânscrito, grego, latim, gótico, lituano, eslavo antigo e o irlandês antigo, partindo do princípio de que havia uma laríngea hipotética que havia enfraquecido com o tempo e que se combinou com as vogais. Assim, se corroborava que todas as línguas indo-europeias estariam relacionadas com a forma arcaica da língua ancestral comum.

Apesar de em Paris não haver repercussão negativa sobre o *Mémoire*, essa publicação foi criticada por alguns linguistas, principalmente os alemães. O professor Osthoff chegou a acusá-lo implicitamente de plágio, afirmando que Saussure usou conhecimentos das suas aulas e do professor Brugmann para redigir o *Mémoire*.

[...] Saussure esclarece porque escreve suas reminiscências. Durante anos ele suportou acusações implícitas sobre a utilização, no *Mémoire*, de ideias

advindas de aulas ministradas na Universidade de Leipzig, sem explicitar as suas fontes. Tais acusações o assombraram pelo resto de sua vida para além das calúnias que difamaram sua vida acadêmica. Elas estão ligadas, para ele pelo menos, com a forma como a linguística alemã, não somente um homem, rejeitou ou ignorou seu sistema proposto. (JOSEPH *apud* SILVEIRA et.al, 2019, p. 239)

Logo após, em 1880, Saussure publicou a tese *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*, que foi escrita aos seus 23 anos. De acordo com De Mauro (2005 [1967], p. 330), o linguista se propôs a determinar o valor da construção ao reinserir um estado de língua preciso, segundo uma direção de pesquisa já antecipada por Whitney. Assim, o valor do genitivo absoluto é determinado, deixando claro sua '*particularité caractéristique*', seu '*caractère distinctif*' '*en regard de l'emploi du locatif absolut*'¹⁹.

O que De Mauro (2005 [1967]) observa é que Saussure demonstra um domínio linguístico com base em eventos concretos, não só na reconstrução do indo-europeu, mas também em relação a um novo ponto de vista de que o valor de uma entidade linguística é relacional e opositivo, o que demonstrava uma atenção precoce para os problemas terminológicos e teóricos nos estudos linguísticos.

De acordo com Silveira *et al.* (2019), neste mesmo ano, Saussure se mudou para Paris, onde se tornou professor de gótico e alemão antigo. Ele ficou dez anos em Paris, de 1880 a 1890, onde era professor na *École des Hautes Études*.

Durante esse período, quase não houve publicações de Saussure, mas é possível constatar no *Mélanges* (DE MAURO, 2005 [1967], p. 346) a reunião de alguns de seus trabalhos. Além disso, ele deixou inúmeros manuscritos para pesquisas e, mesmo que alguns colegas e alunos tivessem sugerido a ele que os publicassem, Saussure dizia que as anotações estavam perdidas em "amontoados de papéis".

Meillet (*apud* DE MAURO, 2005 [1967], p. 346) justifica a escassez de publicação dos estudos saussurianos depois de 1894 com base em dois fatos: primeiro, a uma mania de perfeição; Saussure declarava ainda não estar seguro em expor as ideias sobre os fatos linguísticos e que, quando as publicasse, sua intenção era que o fosse como trabalho definitivo. Outro ponto exposto por Meillet era o interesse em estudos alheios à linguística, tais como os *Nibelungen*.

Silveira *et al.* (2019) comentam a escassez de publicações de Saussure:

19 Tradução nossa: Característica particular', 'caráter distintivo', 'ao lado do uso do locativo absoluto'. (DE MAURO, 2005[1967], p. 331)

[...] mesmo que Saussure tenha sentido naquele momento a indistinção que pairava sobre a originalidade da ideia e tenha tomado as precauções que achou pertinentes, nada disso foi suficiente para que ele se livrasse das acusações implícitas de plágio que relegaram ao seu *Mémoire* o limbo em Leipzig. Note-se que Saussure investira muito nesse trabalho, afinal ele foi publicado em seguida à sua redação e a expensas da própria família. Depois disso, apesar de muito trabalho, ele jamais publicaria outro livro; somente alguns pequenos artigos foram publicados como obrigação da sua posição frente à Sociedade Francesa da Linguística. (SILVEIRA *et al.*, 2019, p. 242)

Em 1891, Saussure deixou Paris e retornou à Genebra e lá se tornou professor extraordinário na Universidade de Genebra, lecionando Sânscrito e Línguas Indo-Europeias, Linguística Comparada e Histórica. Em 1894, Saussure ainda publicou um artigo sobre os estudos bálticos, o que De Mauro (2005 [1967]) asseverava ser sua última publicação em vida. Para De Mauro é normal que após um início precoce e intenso de tantas publicações importantes ocorra uma pausa, mas a interrupção de Saussure foi muito longa. Declara que tais publicações viraram “peças de museu” por serem tão raras e menores.

Ainda, de acordo com De Mauro (2005 [1967]), Saussure ministrou de 1899 a 1908 um curso sobre a fonologia do francês moderno; em 1900 e 1901 também ofereceu um curso de versificação francesa; durante o semestre de 1904, aulas de alemão e literatura e também um curso sobre os *Nibelungen*, além de um curso de Sânscrito em todos os anos enquanto esteve na Universidade de Genebra.

No ano de 1906, com a aposentadoria do professor Wertheimer, Saussure assumiu as aulas de Linguística Geral, além das aulas de Gramática Comparada e Sânscrito, que já ministrava nessa Universidade; sua carga horária de quatro horas semanais passou a seis horas semanais. Nesses cursos, Saussure mostrava a seus alunos uma nova forma de estudar a linguagem; para ele, é importante que o linguista entenda qual a sua posição e ainda que escolha apenas um ponto de vista.

Seria necessário, então, proporcionar a consciência de que qualquer descrição se faz segundo um “ponto de vista” e que, mesmo ele não sendo “superior” aos outros, é necessário também escolher um, sob o risco de se misturar todos (...). (NORMAND, 2009, p. 39)

No entanto, esse novo ponto de vista sobre a linguagem só foi transmitido ao grande público após sua morte. Durante a vida de Saussure, o que se tinha conhecimento era de um linguista formado em Gramática Comparada do século XIX e conhecido por esses trabalhos.

Para os linguistas, Saussure era certamente bem conhecido como um estudioso da gramática comparativa, precocemente falecido, que deixou uma obra

inacabada. O *Curso de linguística geral*, tal como, após sua morte, seus editores o haviam reconstruído a partir de cadernos de notas de estudantes, suscitou interesse e críticas sem que ninguém visse nele um barril de pólvora suscetível de ser ameaça à tradição universitária. Eis que, com a explosão dos anos 1960, ele se encontrava sob a mesma bandeira de Marx e Freud, frequentemente acompanhados de Nietzsche, Lautréamont e Mallarmé, contra o velho mundo e seus valores rançosos. (NORMAND, 2009, p. 16).

Para Claudine Normand (2009), antes da publicação do *Curso de Linguística Geral*, obra que apresentou um corte epistemológico no estudo da Linguística, Saussure era conhecido como estudioso da gramática comparada. Dentre tantos outros autores que debateram a questão, está Calvet (1975), que acrescenta que Saussure ficara conhecido pelos conceitos de língua, fala e linguagem, sincronia e diacronia, significante e significado, porém essa imagem que temos de Saussure é póstuma. Antes da publicação do CLG, o que o tornou reconhecido entre os linguistas era a sua produção nos estudos comparados.

(...). É importante salientar, mesmo se isso for evidente, que essa imagem é póstuma. Quando o linguista Antoine Meillet, que o conheceu bem, escreve em 1913 um artigo necrológico sobre Saussure, ele o descreve essencialmente como um comparatista. A esse respeito é significativa a última frase da sua homenagem? ‘Ele produziu o mais belo livro de gramática comparada que já se escreveu’. (tratava-se sem dúvida do *Mémoire*). (CALVET, 1975, p. 19)

Morpurgo Davies (1998) concorda com essa assertiva, afirmando que os contemporâneos de Saussure o conheciam simplesmente como linguista, visto nesse período a linguística estar relacionada ao histórico-comparativo, principalmente com o indo-europeu, pois, todo trabalho de Saussure publicado em vida dizia respeito a problemas do indo-europeu e se encaixava na tradição do trabalho histórico-comparativo, ou seja, na perspectiva diacrônica.

Após essa trajetória de Saussure com os estudos da gramática comparada, em 1906 ele passou a ministrar aulas de Linguística Geral na Universidade de Genebra. Durante o período de 1906 a 1911, ele oferece três cursos de Linguística Geral que irão apresentar uma novidade teórica que ficou amplamente conhecida pelos estudiosos de Linguística, por trazer uma nova perspectiva sobre os estudos da linguagem.

1.5 Linguística Moderna

De acordo com Normand (2009, p. 21), a expressão “linguística geral” não tem início com Saussure. Essa expressão era o título do curso ministrado pelo mestre na Universidade de Genebra em 1906. “(...) talvez nem mesmo a tenha escolhido; sabe-se somente que o curso de

que ele foi oficialmente encarregado em Genebra assim se intitulava” (NORMAND, 2009, p. 21).

Colombat *et al.* (2017) reafirmam essa informação. Para eles, o termo “linguística” surge na virada dos séculos XVIII e XIX. O linguista era o especialista das línguas que trabalhava com sua multiplicidade e diversidade. Para os autores, os termos linguística e gramática transitavam quase que livremente e somente no início do século XX.

De acordo com Saussure, no CLG, a Linguística apareceu com os estudos das línguas românicas e línguas germânicas nos anos de 1836-1838 e que para ele esses estudos aproximaram a Linguística de conhecer o seu verdadeiro objeto.

Para o mestre genebrino a Linguística moderna compreendia o período dos estudos comparados: “Desde que a Linguística moderna existe, pode-se dizer que se absorve inteiramente na diacronia.” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 123).

No entanto, para os linguistas posteriores a Saussure, a Linguística Moderna teve seu estatuto de ciência com a publicação do CLG em 1916. Somente a partir do momento em que Saussure define o objeto da Linguística – a língua- e define um ponto de vista para que ela seja estudada –a sincronia - é que a Linguística se torna uma ciência moderna, ou seja, com os estudos sincrônicos praticados no século XX, em contraste com os estudos históricos, que predominaram no século anterior.

Alguns autores consideram essa publicação como uma ruptura epistemológica dos estudos da época, trazendo uma grande novidade teórica.

Saussure realizou um grande corte nos estudos linguísticos. Suas concepções deram as condições efetivas para se construir uma ciência sincrônica da linguagem. A partir de seu projeto, não houve mais razões para não se construir uma ciência autônoma a tratar exclusivamente em si mesma e por si mesma, e sob o pressuposto da separação estreita entre a perspectiva histórica e a não-histórica. (FARACO, 2005, p.28)

Colombat *et al.* reafirmam essa colocação:

Ferdinand de Saussure tornou-se célebre, em 1879, quando publicou (aos 21 anos) o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-europeennes* (Relatório sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias) no qual os especialistas da gramática comparada concordavam em ver uma obra fundamental. (...). É, todavia, esse mesmo Saussure a quem a posteridade reconhece como fundador da linguística moderna e o pai de um movimento científico. (COLOMBAT *et al.*, 2017, p. 246)

No CLG (SAUSSURE 2012 [1916], p.37) define a matéria da Linguística: estudar

todas as manifestações da linguagem humana quer se trate de épocas mais antigas ou atuais e ainda todas as formas de se expressar não apenas da forma “correta” de acordo com a gramática normativa, ou seja, não deve haver preconceitos sociais e culturais para o estudo desenvolvido pela linguística.

Ainda no CLG, o mestre aponta a tarefa da Linguística. Deve essa fazer a descrição e a história de todas as famílias de línguas que puder abranger; deduzir as leis gerais da língua a fim de delimitar-se e definir-se a si própria. Sua intenção é deslocar a linguística de outras ciências, apesar de seu objeto servir de estudos para várias outras ciências como a Antropologia, Sociologia, Psicologia social, Filologia e outras. O que ele realmente pretende é diferente da gramática que se subordinava aos estudos da filosofia por meio da lógica, seu intuito é que ela seja uma ciência autônoma.

Essa mudança na forma de estudo da linguagem retrata a inquietude de um pensador, formado em linguística histórica, mas que não concordava com as direções que a Linguística estava tomando, o que o levou a retomar o estudo da linguística pela perspectiva sincrônica. Saussure fez críticas sobre a posição teórica de vários de seus contemporâneos e dizia que deveria “mostrar ao linguista o que ele faz” (SAUSSURE *apud* NORMAND, 2009, p. 27).

Os estudos da gramática comparada estiveram presentes na formação de Saussure. Na visão de alguns autores, houve nesse período um rompimento dos estudos da linguística histórica para a retomada dos estudos da linguística sincrônica. Entretanto, para nós, Saussure se afastou dos estudos comparados, mas não os abandonou, pois entendemos que para a compreensão da língua, em seu estado sincrônico, Saussure partiu do estado diacrônico.

Essa reflexão é baseada nos cadernos dos alunos que nos mostram o conteúdo de forma mais aproximada da cronologia das aulas. Percebemos em análise dos cadernos que, mesmo com as aulas de Linguística Geral, Saussure durante os três cursos apresentou para os alunos as questões de gramática comparada que seria o primeiro passo para a compreensão da Linguística Geral.

No segundo curso, o ensino das línguas indo-europeias foi tão marcante que Komatsu chegou a ressaltar que “os cursos não eram primeiramente voltados para a linguística geral, mas para a descrição dos idiomas” (KOMATSU, 1996, p. VI). Isso nos coloca numa percepção de comparação entre a linguística geral e a gramática comparada para Saussure.

Sendo assim, desenvolveremos no Capítulo 2 as comparações entre linguística diacrônica e linguística sincrônica, explicitando essas duas perspectivas apresentadas por Saussure nos cursos ministrados em Genebra e que desencadearam uma nova forma para os estudos linguísticos no início do século XX.

Capítulo 2 Diacronia e sincronia nos cursos de Linguística Geral e no CLG

2.1 Considerações iniciais

Saussure observou que os estudos sobre a linguagem passaram por três fases consecutivas até reconhecerem seu verdadeiro objeto. Essas três fases foram relevantes para a construção teórica de Saussure, pois suas críticas a esses estudos o fizeram perceber a linguística de outra forma.

Essa nova forma de estudos muda quando ele questiona qual o verdadeiro objeto da Linguística. Ao delimitá-lo, o ponto de vista sobre o objeto a ser estudado também muda: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 39). Saussure elucida que outras ciências trabalham com objetos previamente dados, diferente da linguística, em que o ponto de vista cria o objeto.

A teoria de Saussure mostra o estudo da linguagem de uma forma diferente das pesquisas do século XIX. Como afirmado anteriormente, Saussure ficara conhecido durante sua vida exclusivamente pelos estudos comparados ou da linguística histórica. Entretanto, três anos após sua morte, foram apresentados os ensinamentos do mestre sobre a Linguística Geral, demonstrando que além dos estudos linguísticos na perspectiva diacrônica, têm-se uma reflexão sobre Linguística Geral. Esse pensamento de Saussure foi repassado aos seus alunos que participaram dos cursos ministrados pelo mestre genebrino no período de 1907 a 1911 e que posteriormente foram publicados no CLG.

De acordo com Silveira (2007), o CLG representou esse marco para os estudos da linguagem ao apresentar a língua enquanto objeto da Linguística.

... as questões que o livro coloca sobre a língua, a fala e a linguagem marcam a linguística que, a partir daí, não está mais diante do mesmo objeto. A nomeação da língua como esse objeto e as considerações sobre o seu funcionamento foram capazes de cernir um real da língua: a sincronia que, com as teorias do valor e do signo, redimensionou o saber sobre a língua. O CLG, certamente, imprimiu uma importância à língua como objeto da linguística. (SILVEIRA, 2007, p. 20).

Cruz e Faria (2019) também reafirmam que o *Curso de Linguística Geral* propõe uma resposta ao problema de delimitação da Linguística quanto ao seu objeto. Essa solução de Saussure, afirmam os autores, não será acolhida pelos seus contemporâneos, visto que os mesmos ainda estavam “imbuídos do espírito do comparatismo, mas, sobretudo, pelos

linguistas do Leste Europeu, que, no final dos anos de 1920, consideravam o CLG como portador da novidade Linguística ao privilegiar o estudo sincrônico” (CRUZ e FARIA, 2019, p. 6)

No presente capítulo, veremos de que forma Saussure coloca esses dois pares conceituais: diacronia e sincronia - nos cadernos dos alunos e no CLG; e também demonstrarmos a influência de cada perspectiva para o estudo da Linguística.

Nesta pesquisa não tomamos esses pares conceituais como divergentes e sim como complementares. Entendemos ainda que a partir dos estudos diacrônicos Saussure chegou ao estudo sincrônico. Diante desse movimento²⁰, entre a passagem da diacronia à sincronia, investigaremos a relação entre essas perspectivas, tendo como base a teorização de Saussure. Levantaremos as seguintes questões: como Saussure apresentou durante as aulas essas duas perspectivas nos cursos ministrados? Como essa distinção de Saussure foi colocada pelos editores no CLG? Como ocorre o movimento teórico de Saussure na passagem de diacronia para sincronia?

2.2 Diacronia e sincronia nos cadernos dos alunos

2.2.1 I Curso de Linguística Geral

No ano de 1996, Komatsu e Wolf apresentaram os cadernos de A. Riedlinger no livro *Premier Cours de Linguistique Generale (1908-1909) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger*. Esses cadernos - num total de três cadernos - contêm 125 páginas escritas pelo aluno. O primeiro curso teve início em 16 de janeiro de 1907 e foi até 31 de julho de 1907, ou seja, um curso de aproximadamente seis meses de duração.

A escolha desse caderno se justifica pela facilidade de acesso, pois, apesar da existência dos cadernos dos alunos editados por Estanislao Sofia, estes são de difícil acesso e se tratam de uma edição mais complexa.

Segundo o prefácio do primeiro caderno do Primeiro Curso de Linguística Geral²¹, verificamos que Saussure prioriza o estudo das línguas. Inicia demonstrando os princípios de fonologia, das evoluções fonéticas, das mudanças fonéticas e dos efeitos e consequências das mudanças fonéticas na Linguística.

²⁰ O conceito de movimento é baseado em Silveira a qual não ordena ou hierarquiza as diferentes relações entre as produções de F. de Saussure. Além do mais, a autora não trata a produção de Saussure como algo repartido entre o que ele não escreveu e o que escreveu e não publicou.

²¹ Doravante PCLG.

No segundo caderno do PCLG, o tema central de estudo é a analogia: mudanças analógicas; analogia, princípio geral das criações da língua, a posição interior; prefixos; raízes e papel conservador da analogia.

No terceiro caderno do PCLG, Saussure apresenta a visão geral da história interna e externa das famílias de línguas indo-europeias; método reconstrutivo e seu valor; identidade do método comparativo e do método reconstrutivo; reconstrução das formas e recomposição dos fatos; consequências das partes das sílabas.

No PCLG, portanto, nota-se a preocupação de Saussure em destacar a motivação para as mudanças que ocorrem nas línguas. No entanto, de acordo com o caderno de Riedlinger, o tema “evolução linguística” deveria ser trabalhado apenas na primeira parte e para o final Saussure reserva o estudo da língua, pois, de acordo com o mesmo, a língua é mais difícil de ser definida.

Na parte denominada “Linguística”, Saussure cita as três concepções de linguagem: como organismo vivo, como função natural e como instituição social. Ele afirma que a concepção segundo a qual a linguagem é uma instituição social seria a menos errônea dessas três concepções, tendo em vista que a língua é, de fato, uma instituição social. Dessa forma, Saussure aponta duas maneiras distintas de se analisar a língua:

1. <(lado estático)> existe um lado da língua que está em cada um, que possui a sensação imediata de controle; isso é tudo o que compõe um estado de língua: nós falamos e, portanto, estamos em posição de julgar isso que nós falamos. (...) 2. Há um lado em que o instinto não serve para nada e não há nem mesmo uma suspeita: todo o lado histórico da língua, tudo isso que está no passado, <é forçado a> escapar ao nosso sentido linguístico imediato, é necessário aprendê-lo ²² (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1996 [1907], p. 27).

A distinção entre estático e histórico feita por Saussure nos mostra que a sincronia é percebida de imediato pelo falante, mas a história da língua, por sua vez, deve ser aprendida. Esse seria para nós um dos motivos para Saussure explicar apenas a diacronia no PCLG e deixar a sincronia para o curso posterior. O plano de Saussure é que o estudo sobre a língua fique para o terceiro curso e no primeiro ele abordará as questões da Linguística, à qual teremos duas

²²Tradução nossa de: 1. <(côté statique)> il y a le côté de la langue où chacun est chez lui, dont il a le sens immédiat, le contrôle ; ce tout ce qui compose un état de langue : nous parlons et donc nous sommes en état de juger ce que nous parlons. (...) 2. Il y a le côté où le instinct ne sert de rien et donc beaucoup n'ont même pas le soupçon : tout le côté historique de la langue, tout ce qui est dans le passé, <est forcé d'> échapper à notre sens linguistique immédiat, il faut l'apprendre.

formas de estudo: a forma estática e a forma histórica, como segue:

Precisamente por essa razão, seria bom começar o estudo da língua pelo ponto de vista histórico, não que seja mais importante < o estático com o qual forma uma espécie de antinomia>; mas porque <nos escapa à primeira vista>, parece necessário tê-lo para completar nosso conceito da língua.²³. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1996 [1907], p. 27-28).

Ele expõe que irá começar pelo ponto de vista histórico por esse ponto escapar aos falantes; ou seja, para o falante o desconhecimento da história da língua não o impede de se comunicar.²⁴

Na página 102 do caderno, Saussure registra as diferenças entre a perspectiva estática e histórica e adverte que a perspectiva mais natural de se estudar a linguagem seria a perspectiva estática, isto é, a linguagem em seus estados. Nesse estudo estaria presente tudo que se relaciona à gramática.

Ainda, nessa aula, Saussure adequa a terminologia “estático” e “evolutivo” à “sincrônico” e “diacrônico”²⁵. Ele atesta que essa alteração é necessária para que haja mais clareza aos conceitos. Assim, define que é diacrônico os estados da língua falada sucessivamente considerados entre si e o que é sincrônico, os fatos da língua dados quando esses estão em um único estado.

O grande domínio das evoluções lingüísticas não é muito bem nomeado quando é chamada de história da língua. Não é ruim adotar uma nova palavra, desde que seja completamente claro: seria melhor dizer: o que é diacrônico na língua (= os estados sucessivos da língua considerados uns em contraste com os outros) e o que é sincrônico (= os fatos da língua dentro de um único estado). Há, portanto, dois domínios da língua: o campo diacrônico e o campo sincrônico. De um modo geral, ficamos no primeiro campo, o diacrônico, e fizemos uma única incursão no campo sincrônico, quando lidamos com a alternância. O domínio diacrônico da língua compreende: trocas fonéticas, criações analógicas e etimologia popular. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1996 [1907], p. 102).²⁶

33 Tradução nossa de: Précisément pour cette raison, il sera bon de commencer l'étude de la langue par le point de vue historique, non pas qu'il soit plus importante que <le statique avec lequel il a une sorte d'antinomie> mais parce qu'il <nous échappe à première vue, il> paraît nécessaire de compléter par la notre concept de la langue.

²⁴ Normand explica que o locutor mesmo não sendo um estudioso da língua, sabe falar. Por isso a necessidade de estudo da língua e não sobre a língua, que é a proposta de Saussure. (cf. Normand, 2009, p. 45).

²⁵ De Mauro afirma que o termo diacronia é um neologismo criado por Saussure, visto que o termo aparece pela primeira vez no Manuscrito Notes por un livre sur la linguistique générale (1893-1894).

²⁶ Tradução nossa de: Le grand domaine des évolutions linguistiques n'est pas très bien nommé quand on l'appelle l'histoire de la langue. Il n'est pas mauvais d'adopter un mot nouveau qui soit tout a fait clair: il vaut mieux dire: ce qui est diachronique dans la langue (= les états de la langue successifs considered les uns en face des autres) et ce qui est synchronique (= les faits de langue donnes quand on s'enferme dans un seul état). Il y a donc deux champs dans la langue: le champ diachronique et le champ synchronique. D'une maniere generale nous nous sommes tenus dans le premier, le champ diachronique, et nous avons fait une seule fois une incursion dans le

Logo após, esclarece que ficará no domínio diacrônico, pois não irá apresentar a linguística estática no final do semestre, pois essa é matéria de um semestre completo.

As mudanças fonéticas e formações analógicas fazem parte da mesma subdisciplina linguística: mudanças na língua (das quais eliminamos a escrita!). Essas duas formas de evolução da língua que se esgotam. O ponto de vista mais natural seria considerar agora a língua a partir da perspectiva estática, a língua em seus estados. Os estados da língua contêm tudo o que é chamado ou deveria ser chamado de gramática: a gramática pressupõe, na verdade, um sistema de unidades contemporâneas entre si. Mas não posso lidar com linguística estática agora no final do semestre (7-8 palestras!); mais tarde, fornecerá o assunto para um curso completo (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1996 [1907], p. 102).²⁷

Saussure destaca, ainda nesse PCLG, que existem dois pontos de vista: o ponto de vista prospectivo, que começa no período anterior e termina no posterior e o ponto de vista retrospectivo, que vai do período posterior ao anterior, e conclui que para chegar ao ponto de vista prospectivo temos que passar pelo ponto de vista retrospectivo, pois as leis fonéticas não podem ser testadas prospectivamente.

Percebemos que no PCLG Saussure dedicou-se ao estudo das línguas. Apresentou a língua exclusivamente na forma diacrônica, demonstrando de que forma as mudanças ocorreram nas línguas. Ainda no PCLG, Saussure já esclarece que na língua existem dois domínios: da diacronia e da sincronia.

Verificamos também que já era plano de Saussure expor a linguística na sua forma sincrônica, porém ele afirma que, em razão da extrema importância desse conteúdo, deveria ser matéria de um curso com mais tempo para ser demonstrado.

2.2.2 II Curso de Linguística Geral

champ synchronique, quand nous avons traité de l'alternance. Le champ diachronique de la langue comprend: chagement phonétique, création analogique et etymologie populaire. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1996 [1907], p. 102).

²⁷ Tradução nossa de: Les changements phonétiques et les formations analogiques se rattachent a la même sous-discipline linguistique: les changements de la langue (don't nous avons éliminé l'écriture!). Ce sont deux formes de l'évolution de la langue qu'elles épuisent. Le point de vue le plus naturel serait de considerer maintenant la langue au point de vue statique, la langue dans ses états. Les états de la langue contiennent tout ce qu'on appelle ou devait appeler grammaire; la grammaire en effét suppose un système d'unités contemporaines entre elles. Mais la linguistique statique ne peut être traitee en cette fin de semestre (7-8 lecons!); elle fera plus tard l'objet d'un cours complet.(SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1996 [1907], p. 102).

No ano de 1997, Komatsu e Wolf apresentaram os cadernos de A. Riedlinger e C. Patois no livro *Deuxieme Cours de Linguistique Generale (1908-1909) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois*. Esses cadernos foram retirados da Biblioteca Pública e Universidade de Departamentos de Manuscritos na Universidade de Genebra. O Segundo Curso de Linguística Geral²⁸ teve início dia 05 de novembro de 1908 e terminou no dia 24 de junho de 1909.

O SCLG nas notas de Riedlinger representaram os seguintes temas: divisão interior das coisas da linguística; divisão do que pode ser feito no campo sincrônico; campo diacrônico; e visão geral da linguística indo-europeia como introdução da Linguística Geral partes 1 e 2.

O SCLG nas notas de Patois foram compostos pelos seguintes temas: divisão interior das coisas da linguística; distinção entre leis sincrônicas e leis diacrônicas; campos sincrônicos; campos diacrônicos: vista da língua através dos tempos; visão geral da linguística indo-europeia; e index seletivo de terminologia francesa.

Para este trabalho, utilizaremos apenas o caderno de Riedlinger, pois, de acordo com Komatsu, ele aparenta ser mais completo e com mais detalhes do que os cadernos de Patois. Além do mais, Komatsu acrescenta que Riedlinger e E. Constantin costumavam trocar cadernos, o que poderia contribuir para que aquele tivesse mais informações.

No final do primeiro curso, Saussure afirmou que a linguística estática seria matéria para um novo encontro, visto não poder apresentar esses conceitos no final do semestre. Assim, no segundo curso, ele inicia com a linguística estática, cumprindo a promessa de dar início a essa parte da linguística. No entanto, após um início dedicado à linguística estática, Saussure retorna para a linguística histórica, retomando os estudos diacrônicos do indo-europeu.

Saussure no início do SCLG argumenta sobre a arbitrariedade do signo, as questões de língua e fala e questiona o objeto da linguística. Ele assegura que há muitos aspectos contraditórios na linguagem e ressalta que os estudos de Bopp foram fantásticos para o estudo da linguagem, todavia, não foram esclarecedores quanto ao objeto da linguística.

No primeiro dia de aula, iniciado na primeira semana de novembro de 1908, Saussure esclarece a definição de linguagem.

Assim, a língua é: um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social, de modo a permitir o uso da faculdade da linguagem entre os indivíduos. A faculdade de linguagem é um fato distinto da língua, mas que

²⁸ Doravante SCLG.

não pode ser exercida sem ela. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 4).²⁹

Após a definição da língua, declara que essa está ligada ao tempo, ou seja, ela tem uma história e, justamente pela linguística não ter considerado o fator histórico no início, houve tantos erros nessa ciência. Entretanto, ele verifica que pelo fato de no início não haver a parte histórica na linguística, surgiu no século XIX um exagero da intervenção histórica na linguística. Saussure distingue a língua na história da história da língua: na primeira, a língua tem um papel fundamental na história dos povos e nações. A língua está relacionada a fatores externos ao sistema. Já a história da língua diz respeito à continuidade e transformações que ocorrem no tempo, ou seja, à sucessão de fatos linguísticos.

E é isso que ele propõe: que haja uma distinção entre a história da língua e a própria língua, isto é, uma distinção entre o que está acontecendo agora e o que acontece no tempo.

Esses dois lados constituem duas disciplinas diferentes. <Quando formulamos uma regra, constantemente confundimos os dois pontos de vista.> Devemos, assim, distinguir as leis que operam no tempo de outras leis que são estáticas. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 5).³⁰

Na página 30, aula ministrada no dia 7 de dezembro de 1908, Saussure propõe que usemos o termo diacrônico para referenciar o que se move no tempo. Ele esclarece que há dois tipos de identidade na língua: identidade através do tempo (diacrônico) e a identidade em um estado (sincrônico). A identidade diacrônica é a identidade fonética, mas para isso não devemos considerar apenas a ideia do som, pois na mudança fonética não é apenas o som que muda, a ideia em alguns casos também muda; nesse caso “há um deslocamento que não é fônico.” (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1996 [1908], p. 34). Assim, na ordem diacrônica há um deslocamento de valores e não apenas fonético, há também um deslocamento de unidades significativas.

Em oposição à mudança fonética ocorrida na identidade diacrônica, temos a identidade sincrônica, a ordem das identidades, que é o estudo da língua a partir do momento, ou seja, que se constitui de um estado.

²⁹ Tradução nossa de: Done la langue est: un ensemble de conventions nécessaires adoptées par le corps social pour permettre l'usage de la faculté du langage chez les individus. La faculté du langage est un fait distinct de la langue mais qui ne peut s'exercer sans elle. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 4)

³⁰ Tradução nossa de: Ces deux cotes constituent deux disciplines différentes. <Quand on formule une regle on confond constamment les deux points de vue.> Distinguer done les lois qui marchent dans le tempst des autres qui sont statiques. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 5)

Na aula do dia 10 de dezembro de 1908, Saussure acrescenta o termo idiossincrônico. Percebemos ao longo do texto que Saussure varia o termo entre idiossincrônico e sincrônico como oposto a diacrônico. Ele destaca que os fatos da linguagem serão submetidos a dois tipos de ligações (diacrônicas e sincrônicas) que podem ser representadas pelos dois eixos a seguir:

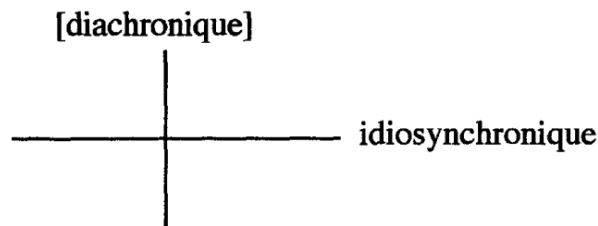


Figura 1. Representação da diacronia e sincronia

Fonte: SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1908-1909, p. 32)

Saussure apresenta a definição de ordem diacrônica e ordem idiossincrônica.

<Definição.> Ordem diacrônica = deslocamento de valores, qualquer que seja sua proveniência = deslocamento de unidades significativas. <Definição.> Ordem idiossincrônica = equilíbrio determinado de valores como é estabelecido de momento em momento <(não é o mesmo que na ordem diacrônica!)> A ordem diacrônica e idiossincrônica são opostos como ordens cinemáticas e estáticas. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 34).³¹

Com essa declaração, notamos que Saussure opõe as duas ordens, e ainda reforça que ordem idiossincrônica não é o mesmo que ordem diacrônica. A primeira refere-se a um momento e a segunda a um deslocamento. E conclui que não há realidade linguística fora dessas duas ordens.

De Mauro (2005 [1967]) observa que o caráter sistêmico da linguagem exige que a linguística desenvolva sua pesquisa principalmente no plano em que coexistem as diferentes unidades e estruturas possíveis, isto é, no nível da contemporaneidade e da coexistência funcional. Esse plano é chamado por Saussure de sincrônico ou, mais exatamente, idiossincrônico.

³¹Tradução nossa de: <Definition.> Ordre diachronique = déplacement des valeurs, d'où qu'il provienne = déplacement des unités signi-ficatives. <Definition.> Ordre idiosynchronique = équilibre determine des valeurs tel qu'il s'etablit de moment en moment<(n'est pas le même que dans l'ordre diachronique!)> L'ordre diachronique et idiosynchronique s'opposent comme cinématique et statique.

Nessa mesma aula, Saussure usa os termos “evolutivo” e “estático” para distinguir essas duas ordens, no entanto, ainda não está satisfeito com essa terminologia, pois elas não denotam a oposição entre elas.

O termo "história" evoca idéias que são muito vagas em primeiro lugar, porque a descrição do período também é chamada de história, não é <oposta> à passagem de um período para outro. As forças estáticas e diacrônicas <da linguagem> estão <não apenas em um contato e relacionamento perpétuos, mas também em> conflito. A sua operação recíproca associa-se a eles muito de perto para que a teoria não se oponha a eles muito agudamente. No máximo, posso aceitar que os termos "evolutivo e estático" (evolutivo ainda não é suficientemente preciso, não coloca suficientemente em oposição os dois sistemas de forças). (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 34).³²

Vemos aqui que Saussure retoma esses termos, o que nos mostra um pensamento ainda em construção de conceitos. Ele questiona se há um ponto de vista pancrônico, que faria parte das duas ordens.

Somos obrigados a fazer uma distinção desde o início. Se são apenas generalizações, podem ser pancrônicas, <mas são apenas generalizações: por exemplo>, as mudanças <fonéticas> em si mesma são diacrônicas; mas como elas acontecem <sempre continuarão a acontecer>, podemos chamá-las de pancrônicas. Mas se estamos falando de fatos concretos, não há um ponto de vista pancrônico. Isto é exatamente o que marcará o que é lingüístico do que não é, ou seja, o que pode ser considerado pancrônicamente.³³ (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 35).

Na aula de 14 de dezembro de 1908, Saussure afirma que durante décadas a Linguística confundiu essas duas ordens e não as diferenciou. Isso se justificaria pelo fato de essas duas ordens terem uma dependência entre elas e ao mesmo tempo serem independentes.

³² Tradução nossa de: Le terme d'histoire appelle des idées trop vagues déjà parce que la description d'une époque s'appelle aussi histoire, n'est pas <opposée> au passage d'une époque à l'autre. Les forces statiques et diachroniques <de la langue> sont <non seulement dans un contact et <un> rapport perpetuel, mais en> conflit. Leur jeu reciproque les unit de troppres pour que la theorie n'ait pas a les opposer tres nettement. Ceque nous pouvons admettre au maximum <c'est les termes>evolutif et statique (evolutif n'est pas encore assez precis, ne met pas assez en opposition les deux systèmes de forces).

³³ Tradução nossa de: On est obligé de faire une distinction dès le debut. S'il nes'agit que de généralisations, elles peuvent être panchroniques, <mais ce ne sont que des généralisations: par exemple> les changements <phonétiques> en eux-mêmes sont diachroniques; mais comme ils se passent <et se passeront> toujours on peut les appeler panchroniques. Mais si on parle de faits concrets il n'y a pas de point de vue panchronique. C'est justement ce qui marquera ce qui est linguistique et ce qui ne est pas, c'est-a-dire qui peut être considéré panchroniquement.

<Elas são> redutíveis <de uma a outra> e irreduzíveis em outro <sentido mais importante.> O fenômeno sincrônico é condicionado <-mas não é criado, é um efeito apenas em parte-> pelo fenômeno diacrônico. Mas esse fenômeno sincrônico em si é de natureza radicalmente diferente.³⁴ (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 37).

Saussure esclarece que o fenômeno sincrônico é o gramatical e esse é condicionado pelo fenômeno diacrônico, isto é, sem o fato diacrônico não haveria fato sincrônico. Ele ainda reitera que a essência do fato sincrônico está em certo grau de significação à diferença criada pelo fenômeno diacrônico.

Não apenas na prática, mas também na teoria, a única maneira de se tornar consciente do que está em uma língua em um dado momento é fazer uma tábua rasa do passado! Isso resulta da antinomia do diacrônico e <do> sincrônico. É um paradoxo no sentido de afirmarmos que nada é mais importante do que saber a origem do que existe num determinado período. Mas é um paradoxo verdadeiro, evidente, porque é necessário <fazer um abstração, dada > a natureza irreduzível dos dois fenômenos. <Um não é explicado pelo outro.> Um condicionou o outro, mas isso não significa que devemos tratá-los juntos.³⁵(SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 41-42).

Com essa declaração, Saussure confirma, categoricamente, que existem duas ciências distintas: estática ou linguística estática e linguística cinemática ou diacrônica; e declara que todas as ciências que trabalham com valor têm que ser classificadas com duas séries diferentes. Cita como exemplo que se deve distinguir a história econômica da economia política.

Neste sentido, destaca que a principal razão de separar os dois termos é que apenas o estudo sincrônico forma o sistema. O efeito dos fatos diacrônicos é modificar esse sistema a cada momento, mas eles não estão ligados uns aos outros, não formam um sistema entre si, ou seja, é apenas uma soma de fatos isolados.

Para finalizar a aula, Saussure deixa claro que essa coexistência entre os elementos que formam o sistema pertence ao fato sincrônico, e o fato diacrônico é um fato isolado. Esses fatos diacrônico e sincrônico podem acontecer um sem o outro, pois eles não estão ligados, o

³⁴ Tradução nossa de: <Ils sont> reductibles <l'un al'autre> et irreductibles dans un autre <sens plus important.> Le phenomène synchronique est conditionné <-mais n'est pas crée,n'est un effet qu'en partie -> par le phenomene diachronique.Mais ce phenomène synchronique en soi est d'une nature radicalement differente.)

³⁵Tradução nossa de: Non seulement en pratique mais aussi en theorie le seul moyen de se rendre compte de ce qu'il y a dans une langue a un moment donné c'est de faire table rase du passe! Resulte de antinomie du diachronique et <du> synchronique. C'est un paradoxe en ce sens q'on affirme que rien n'est <plus> important que de connaitre la genèse de ce qui est dans une epoque. Mais c'est un paradoxe vrai, evident, parce qu'il est necessaire de <faire abstraction, vu>la nature irréductible des deux phenomènes. <On n'explique pas l'un par l'autre.> L'un a conditionne l'autre, ne veut pas dire qu'il faille les traiter ensemble. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 41-42)

que nos mostra uma oposição entre o sincrônico e diacrônico, fazendo com que os dois estudos não possam ser realizados ao mesmo tempo.

Na aula do dia 21 de dezembro de 1908, Saussure discorre sobre os conceitos de leis para sincrônico e diacrônico. Não há como falar de leis em sincronia e diacronia, haja vista não seguirem as regras de uma lei. “Devemos usar o termo "lei" com muito mais reservas para os fatos diacrônicos do que para os fatos sincrônicos. Em todo caso, podemos rejeitar a ideia de que os fatos diacrônicos são acidentais.”³⁶

Saussure esclarece que, na sincronia, lei indica uma ordem estabelecida, já, na diacronia, a lei é imperativa ou dinâmica, ou seja, produz um efeito.

Na aula do dia 14 de janeiro de 1909, o mestre explana sobre o conceito de analogia, afirmando ser esse uma particularidade, sendo difícil classificá-la como diacronia ou sincronia. No entanto, deixa claro que a analogia faz parte da sincronia.

Algo é novo, portanto há uma mudança. Eis uma questão embaraçosa: se há mudança estamos no reino da diacronia? Temos, de fato, de dizer que esse é um ponto muito delicado na distinção entre sincrônico e diacrônico. É preciso de um fato sincrônico para produzir analogia, precisamos do todo, <do sistema> da linguagem. <Outra redação (B): É incontestável que uma analogia não pode ocorrer exceto através das forças sincrônicas no sistema>.³⁷ (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 58).

Saussure informa que o fato diacrônico diz respeito à fonética. Ele repete essa assertiva durante várias páginas do caderno de Riedlinger. “Entre os objetos que a linguística diacrônica lida com figuras fonéticas, acima de tudo, toda a fonética. Ela cai como um todo na linguística diacrônica: não há fonética sincrônica, o que é fonético é fato diacrônico.”³⁸. Para Saussure, o que é fonético não é gramatical, por isso a impossibilidade de uma fonética sincrônica³⁹.

³⁶ Il faut <se> servir avec beaucoup plus de reserve du terme de loi pour les faits diachroniques que pour les faits synchroniques. En tout cas nous pouvons garder l'idée que les faits diachroniques sont accidentels. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 48).

³⁷ Tradução nossa de: Il y a du neuf, donc il y a changement. Ici une question embarrassante: s'il y a changement nous mouvons dans le diachronique? Il faut bien dire que c'est là un point délicat dans la distinction entre synchronique et diachronique. Il faut un fait synchronique pour produire l'analogie, il faut l'ensemble, <le système,> de la langue. <(Autre rédaction (B.): Il est incontestable qu'une analogie ne peut se produire que par les forces synchroniques dans le système.)>.

³⁸ Dans les objets dont s'occupe la linguistique diachronique figure avant tout la phonétique. Elle tombe en bloc dans la linguistique diachronique: il n'y a pas de phonétique synchronique; (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 62).

³⁹ Saussure afirma que toda fonética constitui o objeto da Linguística diacrônica. Para o autor, a evolução dos sons é incompatível com a noção de estado, por isso a impossibilidade da fonética na sincronia. (SAUSSURE [1916], 2012, p. 193-194)

A distinção entre diacrônico e sincrônico vai até a página 69 do caderno de Riedlinger de um total de 108 páginas. Esta aula foi dada no dia 21 de janeiro de 1909. A partir da página 70, Saussure retoma os estudos do indo-europeu, o que nos demonstra que para o mestre a aprendizagem dessa parte da linguística era de fundamental importância para seus alunos. Esse tema ocupou a maior parte do tempo desse curso, visto ter início em 21 de janeiro de 1909 e ir até o dia 24 de junho de 1909.

A esse respeito, consideramos lícito destacar que, no SCLG, Saussure começou conforme já propagado anteriormente, com a linguística estática. Ela ocupa a primeira parte do curso com a distinção entre a linguística sincrônica e a diacrônica, mas, após, volta aos estudos diacrônicos, demonstrando a relevância da visão da linguística indo-europeia e as mudanças linguísticas para o estudo da Linguística Geral.

Verificamos que Saussure ministrou aulas de novembro a janeiro desenvolvendo a teoria da diferença entre os conceitos de sincronia e diacronia. Na segunda parte do SCLG, Saussure retoma os estudos diacrônicos, trazendo a visão geral da Linguística indo-europeia como introdução à linguística geral 1 e 2, de acordo com o caderno de Riedlinger.

O que Saussure especifica é que vai abordar problemas gerais da linguagem; para esse tema ele seleciona o indo-europeu, alegando que é uma língua mais completa e, por ter maior número de casos (tanto gramaticais, quanto diacrônicos), fazendo com que haja maior interesse nas pesquisas. Apresenta a importância de Bopp para os estudos da linguagem, destacando a abordagem do sânscrito para seus estudos. Em seguida, expõe os estudos de Grimm e a Lei de Grimm.

Assim, desde do início, vemos importantes linguistas emergirem ao lado de Bopp. Muitas vezes, Grimm e Bopp se opõem como fundadores da gramática histórica e comparativa, respectivamente. O que podemos dizer é que Bopp foi atraído principalmente para comparação (uma visão realmente histórica da linguagem está ausente em Bopp! <Mas essa visão não é mais desenvolvida em Grimm.> Grimm estava preocupado com um material mais histórico (velho-alto-alemão > meio -alto- alemão: vemos a mudança de linguagem de século para século e vemos o seu fluxo!)⁴⁰ (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 76).

⁴⁰ Tradução nossa de: Ainsi des le commencement on vit surgir a cotê de Bopp des linguistes de marqué. Souvent on oppose Grimm et Bopp comme fondateurs de la grammaire historique et de la grammaire comparée. Ce qu'on peut dire c'est que Bopp est surtout porte vers la comparaison (il manque une vue vraiment historique de la langue dans Bopp! <Mais cette vue n'est pas plus développée chez Grimm.> Grimm avait affaire a une matiere plus historique (vieux-haut-allemand > moyen-haut-allemand: on voit de siècle en siècle se modifier la langue et on aperçoit le courant!)

Saussure retoma a diferença entre o comparativo e o histórico para explicar a importância de se colocar o histórico nas comparações, pois caso isso não ocorra não haveria nenhuma conclusão ao se fazer apenas comparações soltas sem um propósito.

Erro mais geral em relação ao método: essa primeira linguística foi apresentada como comparativa em oposição à nossa que é histórica. É claro que, para sermos históricos, devemos comparar; A comparação é a condição necessária de toda reconstrução histórica. Mas não devemos ser unicamente comparativos: isto está condenado a não ser conclusivo!⁴¹ (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, 1997 [1908], p. 80).

A partir desse excerto, podemos notar que, para Saussure, para haver a história da língua tem que haver a comparação das línguas, pois esta é a condição necessária para a reconstrução.

Verificamos nessa ordem do SCLG que Saussure inicia o curso apresentando a linguística estática, porém no meio do curso retoma os estudos diacrônicos, trazendo os estudos indo-europeus para o curso ministrado. Fica claro, para nós, que durante todo o curso Saussure demonstra a importância desses estudos para que os alunos possam compreender de uma maneira mais clara os estudos sincrônicos, visto retomar várias vezes ao estudo das línguas para explicar a língua.

Diante do conteúdo do SCLG, passaremos ao terceiro curso de linguística geral.

2.2.3 III Curso de Linguística Geral

Para a análise do terceiro curso, que teve início no dia 28 de outubro de 1910 e terminou no dia 4 de julho de 1911, utilizaremos os cadernos de Emile Constantin. Esses cadernos foram disponibilizados pelo próprio aluno à Biblioteca de Genebra apenas em 1958. Komatsu vê um novo ponto de vista em relação à edição do CLG e então, juntamente de Harris, edita e publica o *Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911) d'après les cahiers d'Emile Constantin* no ano de 1993.

Os editores valeram-se dos cadernos I, II e III para a primeira parte do Terceiro Curso de Linguística Geral ⁴² e os cadernos VII a X para a segunda parte, considerados por eles como

⁴¹ Tradução nossa de: Erreur plus générale touchant la méthode: on a présenté cette première linguistique comme étant comparative par opposition à la notre qui est historique. Il est clair que pour être historique Il faut comparer; la comparaison est la condition nécessaire de toute reconstruction historique. Mais il ne faut pas être uniquement comparatif: c'est se vouer à condainner ne pas conclure!

⁴² Doravante TCLG.

a parte mais importante do pensamento de Saussure. Os cadernos IV, V e VI não são citados pelos editores.

A primeira parte compreende as aulas do dia 28 de outubro a 20 de dezembro de 1910. Saussure inicia com um breve levantamento da história da linguística. Explica que nesse último curso irá tratar da linguística propriamente dita. Apresenta as fases da linguística e demonstra os conceitos de linguagem, língua e faculdade da linguagem e uso individual; e ainda, destaca o caráter social da língua.

Na aula do dia 11 de novembro, explica os diferentes fatos que complicam a diversidade geográfica e na aula do dia 15 de novembro de 1910, Saussure ministra o conteúdo de linguagens e diversidade geográfica considerada do ponto de vista das suas causas. Esse conteúdo vai até o final do ano, no dia 20 de dezembro de 1910.

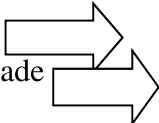
A segunda parte do curso de Linguística Geral é retomada em 25 de abril de 1911, na qual Saussure fala sobre a língua.

Oporemos a língua à linguagem, como sendo uma parte essencial, principal, mas, no entanto, apenas uma parte <da linguagem>. A língua para nós, é o produto social cuja existência permite ao indivíduo o exercício da faculdade da linguagem. Precisamos, necessariamente, considerar o todo quando falamos de uma questão restrita. A linguagem é um terreno complexo, multiforme e heteróclito em seus diferentes aspectos. Uma consequência é que ela não pode ser classificada, quando tomada como um todo, com outros fatos humanos Ela abrange vários domínios (domínio psíquico, ou ainda: domínio individual e social)⁴³. (SAUSSURE *apud* CONSTANTIN 1910 [1993], p. 66)

No dia 02 de maio de 1911, Saussure discorre sobre a natureza do signo linguístico e os princípios do signo: arbitrariedade e linearidade, e no dia 05 de maio, cita as entidades concretas da língua e posteriormente fala sobre as entidades abstratas da língua. Aborda o arbitrário relativo e o absoluto da língua. A aula do dia 19 de maio de 1911 refere-se a uma revisão do primeiro capítulo e a comentários adicionais. Na próxima aula Saussure relata sobre o tempo e a interferência que ele oferece na mutabilidade e imutabilidade do signo: “O princípio da mudança é baseado no princípio a continuidade”.

Saussure explica que do ponto de partida temos:

⁴³ Tradução nossa de: Nous opposons la langue au langage, comme étant une partie essentielle, principale, mais enfin ce n'est qu'une partie <du langage>. La langue pour nous ce sera le produit social don't l'existence permet à l'individu l'exercice de la faculté du langage. On est bien obligé de jeter les yeux sur l'ensemble lorsqu'on abordé question limitée. Le langage est un terrain complexe, multiforme, heteroclite dans ses différentes aspects. Une consequence, c'est qu'on n'arrivé pas à le classer pris dans son tout avec d'autres faits humains. Il est à cheval sur des domaines divers (domaine psychique, ou encore: domaine individual, social.)

fora da temporalidade		arbitrariedade do signo
em virtude da temporalidade		não é livre (imutabilidade)
		mudança (mutabilidade)

Na aula do dia 02 de junho de 1911, o mestre retoma a discussão para linguística estática e história da linguística, afirmando que elas formam a dualidade da linguística. Inicia falando do fator tempo e da importância do mesmo para as ciências que trabalham com valor.

Explica ainda que a gramática comparativa é a linguística histórica, e sua função foi “derivar dos termos comparados as hipóteses sobre um tipo de língua anterior”. No entanto, Saussure esclarece que nem toda linguística histórica se absteve de olhar para os estados. Mas, os estados são trazidos aleatoriamente, sem qualquer consciência de mudar de um eixo para outro. O autor questiona que se a linguística teve início com Bopp, o que eram os trabalhos de linguistas anteriores? E ele responde: “Representa um ponto de vista científico irrepreensível do ponto de vista que nos preocupa. Nestas gramáticas, ou com esses gramáticos, não sabemos se querem ou não descrever um estado em um momento: isso nos deixa em dúvida.”⁴⁴

Ele define as duas perspectivas de estudo da língua. Diacronia, definida como período que se estende ao longo do tempo, caracterizado por lidar com as sucessões dos fatos. Em contrapartida, temos os estados dos fatos e para manter esse equilíbrio Saussure os nomeia de sincronia, que lida com termos coexistentes e não com fatos em sequências. Essa nomeação já havia sido dada por Saussure no primeiro curso, o que nos faz depreender o movimento de Saussure em relação ao estudo das línguas e da língua, além da retomada da questão terminológica dos dois pontos de vista.

No dia 06 de junho de 1911, Saussure discorre sobre o sujeito falante. Para este, a sequência dos fatos não existe, e por isso o linguista deve se colocar na perspectiva sincrônica que é a perspectiva do sistema. A língua é um sistema. Dessa forma, em qualquer sistema, deve-se considerar o todo; isso é o que faz um sistema. Porém, as mudanças nunca são feitas no sistema como um todo, mas apenas em partes particulares.

Nas aulas do dia 09 de junho de 1911 a 23 de junho, Saussure apresenta vários exemplos de termos do alemão e antigo alemão para demonstrar a diferença entre a diacronia e a sincronia. Esses exemplos serão citados na análise do CLG.

Ainda nessas aulas, ele destaca a diferença entre fatos de fala e fatos de língua. Para o mestre, as mudanças sempre ocorrem nos fatos de fala e eles só se tornam fatos de língua

⁴⁴Tradução nossa de: Elle représente un point de vue scientifique entièrement irréprochable au point de vue qui nous occupe. Dans ces grammaires, ou avec ces grammairiens on sait ou non si l’on veut décrire un état: pas un instant elle ne nous laisse un doute là-dessus.

quando entram na coletividade. Na aula seguinte, do dia 27 de junho, Saussure expõe os conceitos de relação sintagmática e associativa.

Nas duas últimas aulas do dia 30 de junho e 4 de julho de 1911, Saussure discorre sobre o valor dos termos e significado das palavras. Ele analisa como eles coincidem e como se diferenciam.

Na última aula, Saussure afirma que o curso tem apenas a parte externa “mais ou menos completa”. Komatsu (1993) nota que, na parte interna, ele negligenciou parte da linguística evolutiva em favor da linguística sincrônica. Dessa forma, encerrou o TCLG.

Após a apresentação dos cadernos, no que tange à ordem, com base na sequência encontrada nos cadernos dos alunos destacados, partiremos para análise do CLG em relação ao par conceitual diacronia e sincronia, o qual apresenta esses temas em uma ordem diferente que os apresentados anteriormente. Nos cadernos dos alunos, temos a ordem mais aproximada das aulas, de forma cronológica, diferente do CLG, que mostra uma ordem definida pelos editores, os quais afirmam terem optado por colocar inicialmente as novidades destacadas nos cursos, distintas das pesquisas comparativas do século XIX.

2.3 Diacronia e sincronia no CLG

Conforme mencionamos anteriormente, os estudos da linguagem tiveram destaque no século XIX, que foi marcado pelos estudos comparados. Auroux (2000) nos informa que foi um século contraditório em relação a essa perspectiva, pois, ao mesmo tempo em que ele inicia sobre a origem das línguas, é o século que no final vê a decadência dessa abordagem, chegando a serem proibidos os estudos comparados para busca da origem das línguas.⁴⁵

No século XIX não havia ainda uma distinção clara entre os conceitos de língua e de linguagem.

Na época em que Saussure leciona a *linguística geral*, a evidência para os linguistas é de que eles se ocupam com a *linguagem* e com as *línguas*; assim o afirmam sem estabelecer uma relação clara entre esses dois termos, e sem que jamais se saiba se o termo *linguagem* representa o conjunto de línguas, uma língua qualquer que se estime valer por todas as línguas, uma faculdade (social e/ou natural) comum a todos os homens, nem qual estatuto possui uma língua concreta em relação a essa generalidade. Eles dizem também, após décadas de estudo histórico das línguas, que tudo na linguagem é histórico. (NORMAND, 2009, p. 35-36).

⁴⁵ De acordo com Auroux (2000, p. 20), ocorre em 1866, por ordem da *Société de Linguistique de Paris*. Está relacionada à “rejeição do naturalismo e à explicação de que a língua é uma realidade puramente social”.

Neste aspecto, era importante para a Linguística definir seu objeto, pois, a partir dessa definição única, a Linguística seria uma disciplina científica, e quem a delimita é Saussure.

Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades; é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e toma-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito. (SAUSSURE, 2012 [1916], p.41)

Na ordem estipulada pelos editores do CLG, a sincronia aparece primeiro que a diacronia no livro. Na edição, a Linguística sincrônica aparece na segunda parte e a Linguística diacrônica na terceira. Antes disso, no próprio CLG, Saussure faz uma distinção entre essas duas perspectivas. Levantamos aqui o seguinte questionamento: houve exclusão da diacronia em relação à sincronia em virtude da ordem estipulada pelos editores?

Vale ressaltar que para Saussure essa distinção foi essencial para construir a sua teoria, visto que no momento em que a desenvolvia tem-se um forte uso dos estudos diacrônicos.

A insistência com que Saussure se empenha em separar radicalmente as duas condutas decorre de uma tentativa de afastar as condições exteriores de sua teoria; ela se elabora no seio de uma linguística histórica em seu apogeu, no momento em que os neogramáticos afirmam que a língua se define somente por sua história. O pensamento de uma sincronia parece uma ‘abstração’, e o é, decerto, em relação aos ‘fatos’ concretos que os linguistas observam quando comparam as etapas sucessivas de tal elemento e de tal série. Sua **insistência** se explica também por razões internas à teoria; trata-se de tornar sensível um ponto de vista novo, o mesmo que permite pensar no sistema. (NORMAND, 2009, p. 53, destaque nosso).

Na primeira parte do CLG – Princípios Gerais, Saussure (SAUSSURE, 2012[1916], p. 120,121) ressalta que o tempo coloca a Linguística em dois caminhos diferentes: num lado tem-se o eixo das simultaneidades no qual não há intervenção do tempo, e do outro, o eixo das sucessões, os quais consideram apenas uma coisa de cada vez. Nesse eixo, estão todas as coisas do primeiro eixo com suas transformações. Essa distinção é relevante principalmente para as ciências que trabalham com valores. No caso da Linguística, essa distinção se coloca mais em evidência, visto que “a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (SAUSSURE, 2012[1916], p.122). Continua afirmando que a língua é um sistema complexo, por isso a necessidade de estudar os dois eixos, pois ela contém um grande número de diversidade de termos. Além do mais, em razão da diversidade

dos signos não seria possível estudar a língua em relação ao tempo e ao sistema ao mesmo tempo.

Percebemos uma insistência de Saussure em nomear essas duas Linguísticas. No entanto, verificamos uma dificuldade, o que fica claro em várias partes do CLG, que Saussure não encontra palavras para nomear algumas de suas ideias.

Assim, história e “linguística histórica” não são utilizáveis, porque suscitam ideias muito vagas; como a história política compreende tanto a descrição de épocas como a narração de acontecimentos, poder-se-ia imaginar que, ao descrever estados sucessivos da língua, se estivesse estudando a língua conforme o eixo do tempo; para isso, seria mister encarar separadamente os fenômenos que fazem passar a língua de um estado a outro. Os termos *evolução* e *Linguística evolutiva* são mais preciosos e nós os empregaremos frequentemente; por oposição, pode-se falar da ciência dos *estados* da língua ou *Linguística estática*. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 122).

Logo após, ele descobre uma melhor maneira de definir e nomear essas duas linguísticas que têm o mesmo objeto. Para tanto, Saussure propõe que estudemos a língua sobre duas perspectivas: a Linguística sincrônica e a Linguística diacrônica:

Para melhor assinalar essa oposição, porém, e esse cruzamento das duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto, preferimos falar de Linguística sincrônica e de Linguística diacrônica. É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução. (SAUSSURE, 2012[1916], p.122-123)

Com essa declaração, entendemos que é sincrônico tudo na língua que tem como finalidade a descrição de um estado de língua determinado, e diacrônico tudo o que objetiva a comparação entre períodos diferentes em referência a uma determinada língua. Para constatar a oposição entre os termos *evolução* e *Linguística evolutiva* os substituí por *Linguística diacrônica*, e os termos *estados da língua* e *Linguística estática* por *Linguística sincrônica*. A *Linguística diacrônica* analisa as mudanças ocorridas pela língua no tempo e a *sincrônica* destaca o funcionamento do sistema considerado estático, ou seja, num dado espaço de tempo. O estudo diacrônico pesquisa uma determinada língua durante a sua evolução histórica, isto é, através do tempo. O estudo sincrônico pesquisa a descrição de um estado de língua num espaço de tempo determinado.

Saussure demonstrou aos linguistas que a língua se constitui por duas dimensões: uma histórica e outra estática. Na linguística diacrônica, o foco principal está nas mudanças pelas

quais a língua passa ao longo de um período de tempo, na linguística sincrônica a língua é vista como um sistema durante um recorte no tempo.

A Linguística Comparativa do século XIX interessava-se pelos estudos de caráter diacrônico. Contudo, embora Saussure tivesse sua formação como comparatista, em seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879 [1878]), ele se propõe a reestabelecer o sistema de vogais *a* das línguas do tronco indo-europeu, a partir de uma análise que considerava o valor da vogal em relação às sílabas e às palavras das quais fazia parte. Nesse livro do linguista, podemos observar a existência de alguns princípios de análise que, mais tarde, vieram a compor seu conceito de língua, delimitado de acordo com a perspectiva sincrônica.

Já no CLG, além dos estudos diacrônicos, Saussure apresenta os estudos sincrônicos, quando ele percebe que o estudo da língua como sistema não pertence à diacronia, embora os fatos históricos sejam importantes. A língua continua apesar das influências a que está sujeita.

A diacronia está ligada à linguística histórica, que se ocupa das transformações da língua ao longo do tempo e os linguistas que estudam a linguística diacrônica buscam compreender essas transformações. Com a evolução dos estudos comparados das línguas, fica claro aos linguistas que as línguas se transformam com o tempo, independente da vontade humana. Ademais, com esses estudos, verificamos o parentesco das línguas, percebido pelas semelhanças entre elas.

Saussure (2012 [1916], p. 193) reitera que a diacronia estuda os termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo. Ele reafirma que a imobilidade absoluta não existe, pois todas as partes da língua estão sujeitas às mudanças. A forma diacrônica é uma forma derivada, pois ela consiste em projetar num plano único as construções de diferentes épocas.

A importância de Saussure em distinguir esses dois pontos de vista sobre o estudo da língua vai além de ir contra as teorias do século XIX, tais como os neogramáticos, que não aceitavam a possibilidade de uma linguística científica sem ser na história. Ele demonstrou que havia duas formas de estudar a língua, ou seja, tanto a forma de estudo de um sistema linguístico, quanto a forma da mudança da língua. Essas duas perspectivas têm objetivos distintos, por isso não podem ser colocados de uma maneira única.

Souza (2018) estabelece uma relação entre sincronia e diacronia:

Notamos, portanto, uma delimitação rigorosa entre diacronia e sincronia, em se tratando de abordagens linguísticas e aspectos teóricos: i) a linguística sincrônica, que se ocupa das relações entre os termos que formam um sistema e ii) a linguística diacrônica, que se ocupa das relações entre termos que se

sucedem e que se substituem no tempo, sem formarem um sistema entre si. Destaca-se o fato de que a noção de ‘relação’ opera em ambas as linguísticas, porém a noção de ‘sistema’ está vinculada apenas à linguística sincrônica. Portanto, a diferença fundamental entre ambas as linguísticas é a ideia de sistema, enquanto que a noção de ‘sucessão’ opera somente para a linguística diacrônica. (SOUZA, 2018)

Para nós, não há uma exclusão da Linguística diacrônica. O que é válido para Saussure é distingui-las por trabalharem com o mesmo objeto. Demonstrar a oposição entre elas e a função de cada uma. Percebemos a necessidade em distinguir as duas formas de estudar a Linguística e não só separá-las, mas também escolher a perspectiva de estudo a ser trabalhado para que a língua seja analisada.

Apesar de Saussure defender a autonomia entre essas perspectivas, ele observava que entre elas há um interdependência: pois, de acordo com o mestre genebrino, todo fato sincrônico tem uma história para conhecer sua verdadeira natureza e os aspectos diacrônicos devem ser trabalhados em todas as fases da transformação, ou seja, o estudo diacrônico compara diferentes estados sincrônicos.

Saussure afirma que a verdade sincrônica não exclui a verdade diacrônica:

A verdade sincrônica contradiz acaso a verdade diacrônica, e será mister condenar a Gramática tradicional em nome da Gramática histórica? Não, pois isso seria ver a realidade pela metade; não se deve pensar que somente o fato histórico importa e que basta para constituir uma língua. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 139)

Tendo em vista essa citação, é notável destacar que a distinção entre sincronia e diacronia separa fatores internos de um sistema dos fatores externos que são histórico-culturais⁴⁶. Na sincronia, Saussure apresenta as relações entre fatos coexistentes num sistema linguístico dados num período de tempo determinado, não se preocupando com épocas passadas. Já a diacronia se interage com as relações de mudanças linguísticas ao longo do tempo, numa linha de continuidade histórica.

Para explicar a diferença entre essas duas perspectivas sobre o mesmo objeto, Saussure no CLG (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 127) utiliza o exemplo de *fort* (pé) no singular e no plural *forts*. Entretanto, com a metafonia o –o se transformou em –e transformando *forti* em *feti* e com o

⁴⁶ Saussure faz uma distinção entre Elementos internos e Elementos externos da língua. A primeira tem foco no funcionamento da língua: “a língua é um sistema que conhece somente a sua ordem própria”. Já a linguística externa é a relação entre a língua com raça, civilização e nação, ou seja, fatores externos a língua: “tudo que se relaciona com a extensão geográfica das línguas e o fracionamento dialetal releva da Linguística externa” (Saussure, 2012[1916], p. 53-54)

tempo o *i* final caiu, fazendo com que a nova forma fosse *fet*. Não houve alteração na forma singular. Inicialmente a mudança de *foi* para *fet* ocorre na parte fonética e só posteriormente se torna uma alteração morfológica.

Outro exemplo dado por Saussure no CLG (SAUSSURE, 2012 [1916], p.127) é o termo *gast* (hóspede). Inicialmente, a palavra era *gasti*, mas sofreu metáfora e perdeu o *-i* final. Com a perda do timbre se transformou em *gesti* e posteriormente em *gest*.

O que Saussure demonstra com os exemplos é que em qualquer circunstância a passagem do singular para o plural ocorre no eixo horizontal, ou seja, no eixo sincrônico. Contudo, as mudanças ocorridas na passagem de uma forma a outra são sempre no eixo vertical, isto é, do eixo diacrônico. Assim, percebemos que o genebrino deixa explícito que os fatos diacrônicos não têm como finalidade assinalar um valor com outro signo, diferente dos fatos sincrônicos.

É neste sentido que Saussure destaca o estudo sincrônico, pois no fato diacrônico o valor de um e de outro signo não tem pertinência, eles não objetivam alterar o sistema. No pensamento de Saussure “o sistema nunca se modifica diretamente” (SAUSSURE, 2012 [1916], p.126), porque quando algo no sistema muda, mudam apenas alguns elementos e não todo o sistema em si. Outro fato é que as alterações ocorridas na diacronia não ocorrem de forma intencional, não há relação entre os termos. Nessa perspectiva, a forma antiga deve desaparecer e ceder lugar a uma nova forma.

Ademais, na perspectiva diacrônica os fenômenos não estabelecem relação com o sistema. Um dos fatores que podem fazer notar esse aspecto é analisando o exemplo dado por Saussure no CLG: em francês o acento recai sempre sobre a última sílaba a não ser que este tenha um *e* mudo (ə). Isso é um fato sincrônico entre um conjunto de palavras francesas e o acento. Para Saussure, essa regra viria de um estado anterior. Já, no latim, o sistema de acentuação é diferente: o acento recai na penúltima sílaba quando esta é longa, e na antepenúltima se for breve. Essa regra do latim não é consonante com a regra do francês. Quando ocorre a mudança da palavra, sabe-se que tudo que vinha após o acento ou desapareceu ou reduziu a *e* mudo. Após essa alteração, a posição do acento não foi mais a mesma em relação ao conjunto, e as pessoas conscientes dessa nova relação colocaram instintivamente o acento sobre a última sílaba, mesmo em palavras de empréstimo, transmitidas pela escrita.

É evidente que não se quis mudar de sistema, aplicar uma nova fórmula, pois numa palavra como *amicum* → *amí*, o acento permaneceu sempre na mesma sílaba; interpôs-se, no entanto, um fato diacrônico: o lugar do acento se viu trocado sem que se tocasse nele. Uma lei de acento, como tudo quanto respeita

ao sistema linguístico, é uma disposição de termos, um resultado fortuito e involuntário da evolução. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 128)

Nos exemplos de fato sincrônico percebemos que sempre haverá uma relação com outro signo. Para exprimir o plural de uma palavra é necessária a oposição entre dois termos, ou seja, não é *livros* que significa o plural e sim a oposição entre *livro* e *livros* que o determina. Diferente do fato diacrônico em que há uma substituição da palavra: para que uma palavra nova apareça a forma antiga deve desaparecer.

Saussure afirma que essas duas perspectivas, ao mesmo tempo em que são dependentes uma da outra, se apresentam de forma independente. Por isso a dificuldade em distingui-las (SAUSSURE, 2012 [1916] p. 48). O estado diacrônico contribui para se chegar à pesquisa sincrônica, porém o modo a se considerar a língua sincronicamente não depende da perspectiva diacrônica. A diacronia depende da sincronia que atua diretamente nos estados de língua.

O que Saussure demonstra é que na sincronia um fato é sempre significativo e sempre teremos dois termos que se alternam, pois, para o mestre, tudo é relação e essas relações são opositivas. Neste sentido, é notável que, embora possamos concluir que não haverá uma sincronia pura, já que em todo sistema existem sempre estágios de sistemas mais antigos e estágios posteriores, dado que a língua está em constante modificação, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a completa, mas a diacronia não pode se separar da sincronia.

Saussure ressalva que sempre devemos partir do sistema. As unidades linguísticas só têm realidade nas relações entre elas. A linguística histórica faz exatamente o contrário: isola os elementos para fazer a reconstrução de diferentes etapas de transformação de elementos linguísticos. Outro ponto destacado por Saussure em relação à linguística histórica é o fato de misturar dados de épocas diferentes;

(...) por isso, negligencia, em cada caso, o sistema em que tal ou tal elemento, em um momento de dado, esteve inserido e, assim, tomou sentido para os locutores. Ele é, então, incompatível com a linguística sincrônica, que não se interessa pelas mudanças como processo, mas somente por suas consequências para o sistema (NORMAND, 2009, p. 92)

No entanto, para Normand, Saussure não exclui a diacronia. Ela acrescenta que o que Saussure propõe é esclarecer o que faz o sujeito falante espontaneamente. Dessa forma, será um conjunto, após décadas de estudos históricos mais a gramática. Essa gramática aparece de uma forma mais clara e afastada de fundamentos filosóficos ou lógicos, em consequência dos

estudos históricos. “Essa descrição não invalida o estudo histórico; ela apenas se distingue dele, de modo radical” (NORMAND, 2009, p. 46).

A autora ressalta que afirmar que a língua é um sistema não é novidade com Saussure, pois isso já havia sido percebido pelas gramáticas. O que Saussure diferencia é que ele explicita o funcionamento da língua, ou seja, demonstra que é impossível apreendê-la fora do sistema em que está. Para ele, só a existência da língua para um locutor nas relações recíprocas é que lhes dão sentido. Ao determinar que a língua é um sistema, define um interior que é a ordem própria da língua.

Sobretudo, as noções de sistema e de sincronia estão inteiramente ligadas, visto que só é possível estudar a língua enquanto sistema diante de um estado, e é nesse estado de língua que se encontra o locutor, que ignora o passado e, de fato, não há necessidade que ele conheça a história da língua para que a utilize.

De Mauro também concorda que a sincronia (idiossincronia) não exclui a diacronia.

O estudo idiossincrônico não exclui, nas intenções de Saussure, o estudo diacrônico, ou seja, o estudo da evolução de um sistema e uma de suas partes ao longo do tempo, nem exclui a comparação de sistemas de partes de sistemas geneticamente relacionados, dentro da qual a linguística do séc. XIX colocou todo o trabalho do linguista⁴⁷. (DE MAURO, 2005 [1967], p. x)

O que De Mauro explana é que Saussure prioriza o estudo sincrônico, mas não lhe dá o monopólio da pesquisa linguística.

A sincronia não surge com Saussure. Ele próprio afirma que a sincronia faz parte dos estudos da gramática. A noção de sistema também não é introduzida por Saussure. De acordo com Faraco (2005), o que ele inaugura é a ideia de que as unidades da língua são definíveis, não pela descrição isolada e diacrônica, mas pelo seu lugar e suas relações no interior do sistema, isto é, as unidades da língua não têm nenhuma característica própria fora das relações que ela tem com outras unidades e essas relações são sempre opositivas e negativas. Saussure completa ainda que a evolução histórica do sistema seria sem importância para a compreensão do funcionamento do sistema. A descrição deve ser feita no momento daquele sistema, sem se preocupar com questões anteriores ou posteriores.

Neste sentido, se o estudo sincrônico é um tipo de estudo já realizado na tradição gramatical, depreendemos que o estudo sincrônico é anterior ao estudo diacrônico. Ademais,

⁴⁷ L'étude idiosynchrone n'exclut pas, dans les intentions de Saussure, l'étude diachronique, c'est-à-dire l'étude de l'évolution d'un système et d'une de ses parties à travers le temps, pas plus qu'elle n'exclut la comparaison de système et de parties de systèmes génétiquement apparentés, dans laquelle la linguistique du XIX siècle plaçait tout le travail du linguiste.

para que possamos apontar as transformações ocorridas em uma língua, primeiramente devemos estudar o estado de língua para que depois possamos verificar as modificações que ocorreram. Em outras palavras, deve-se comparar cada estado de língua.

A linguística estática ou descrição de um estado de língua pode ser chamada de Gramática, no sentido muito preciso e ademais usual que se encontra em expressões como “gramática do jogo de xadrez”, “gramática de Bolsa” etc. (...)

A Gramática estuda a língua como um sistema de meios de expressão; quem diz gramatical diz sincrônico e significativo, e como nenhum sistema está a cavaleiro de várias épocas ao mesmo tempo, não existe, para nós, “Gramática histórica”; aquilo a que se dá tal nome não é, na realidade, mais que a Linguística Diacrônica. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 128).

Saussure constata que os gramáticos querem descrever estados, daí estarem inseridos na perspectiva sincrônica. Como exemplo, cita a gramática de Port-Royal, que descreve a língua francesa na época de Luís XIV.

O que Saussure esclarece é que após um longo período de Linguística histórica, a Linguística retoma a perspectiva estática da Gramática Tradicional, porém, no momento presente de Saussure, esse ponto de vista terá sido acrescentado com as reflexões da Linguística histórica, o que a torna mais completa, para que compreenda melhor os estados da língua.

A Gramática antiga via somente o fato sincrônico; a Linguística nos revelou uma nova ordem dos fenômenos; isso, porém, não basta: é necessário fazer sentir a oposição das duas ordens e daí tirar todas as consequências que comporta. (SAUSSURE, 2012 [1916], p.124)

Saussure observa que tudo que é Gramática Geral pertence à sincronia, pois cabe à Gramática estudar os estados de língua. Ele acredita ser mais fácil fazer linguística estática do que evolutiva.

Ducrot (1968) admite que o que diferencia a sincronia de Saussure da sincronia da gramática é que, para os gramáticos gerais, há uma estrutura necessária da ideia, e é ela que constitui a organização profunda do enunciado.

Todo o paradoxo de Saussure está em sustentar, ao contrário, que a ideia em si mesma, deve ser considerada uma ‘nebulosa’, uma ‘massa amorfa’, tão amorfa quanto a matéria fônica que a veicula. Se se pode encontrar fundamento para operar uma segmentação bem determinada, em vez de outra, é somente porque seu aspecto fônico e seu aspecto semântico estão unidos, e tomando em consideração o vínculo que a língua estabelece entre eles. (DUCROT, 1968, p. 58-59)

Assim, para os gramáticos a ideia está relacionada ao pensamento e precede a língua, diferente de Saussure, que determina que o pensamento sem o som não passa de uma ‘massa amorfa’.

Para demonstrar os fatores internos e externos à linguística, Saussure compara a língua a um jogo de xadrez. Se substituir uma peça de madeira por uma de vidro, a troca é indiferente ao sistema, mas se diminuir ou aumentar o número de peças, essa mudança afetaria o jogo.

A analogia com o jogo de xadrez é para explicar que, durante uma partida, a disposição das peças no tabuleiro muda constantemente, mesmo assim, a qualquer momento essa posição pode ser descrita de acordo com a posição das peças. Não importa ao expectador de que forma se chegou àquele estado de jogo. Esse estado de jogo é o que Saussure afirma ser a sincronia, ou seja, não há referência de como se chegou ali. O mesmo acontece com a língua: as línguas mudam constantemente e, assim como o tabuleiro de xadrez, ela pode ser descrita a qualquer momento independente das condições que a fizeram chegar aquele estado. Assim, qualquer língua pode ser descrita independentemente de condições sociais e geográficas.

Continuando com as reflexões de Saussure, o linguista deve se posicionar no lugar do falante, e, para este, o principal não é a sucessão dos fatos; o linguista estudioso da língua, ao se posicionar no lugar do falante, deve deixar de lado a diacronia, pois o mesmo se acha diante de um estado, ou seja, para um falante se comunicar não é necessário ser um conhecedor da história da língua. Dessa forma, para Saussure, a perspectiva sincrônica se destaca em relação à perspectiva diacrônica, já que em relação à língua o ponto de vista deve ser único. Semelhante ao falante, o linguista também deve objetivar apenas um ponto.

A inversão operada por Saussure é definir o campo da linguística, colocando-se na prática da língua, naquilo que consiste a experiência cotidiana de qualquer locutor. Para tanto, é necessário afastar-se, a princípio, o conjunto constituído pela massa de saber gramatical (comparativo e histórico) e dos comentários acumulados pela tradição; deixar de tomar como quadro evidente da descrição o que é resultado de séculos de reflexão sobre a linguagem e, então, questionar o ponto de vista do estudioso: o locutor ordinário não é um *estudioso*, mas, mesmo assim, ele *sabe* falar. Trata-se de descobrir a especificidade desse saber *da* língua, deixando de lado o saber *sobre* a língua. (NORMAND, 2009, p. 45)

Essa compreensão a que Saussure se refere é a do locutor. Saussure diz que para o interlocutor é irrelevante que conheça as formas anteriores da língua para a compreensão do sistema em que ele está inserido naquele momento.

Deste modo, o locutor ignora o passado de sua língua e seus parentescos. Normand (2009) ressalta que o locutor chega a ignorar até mesmo as regras que ele aplica, mas que sabe

como aplicar. O locutor pode não saber explicar quais as regras gramaticais que ele utiliza, mas mesmo assim ele fala.

Assim, Saussure coloca no CLG que o linguista que quer estudar a língua deve se posicionar como o falante, ou seja, o linguista só conseguirá compreender a língua se esquecer do passado.

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado deve fazer tábula rasa de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. (SAUSSURE, 2012 [1916], p.123)

Vemos, desta maneira, que a análise sincrônica independe da análise história da língua para que possa existir na comunidade linguística, pois o fato diacrônico não altera o sistema, “o sistema nunca se modifica diretamente; em si mesmo é imutável; apenas alguns elementos são alterados sem atenção à solidariedade que os liga ao todo” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 126). O que Saussure quer dizer é que só há mudança no sistema quando esse representa um estado de língua; quando o sistema é o funcionamento, nele não há mudança.⁴⁸

A intervenção dessas leis modifica o sistema da língua até produzir uma língua percebida como absolutamente diferente pelos locutores e que somente uma pesquisa especializada permite aproximar de sua “ancestral”; mas essas modificações não constituem um sistema; as relações formais estabelecidas entre os estados sucessivos de uma língua são de uma ordem radicalmente diferente daquelas que se podem estabelecer entre os elementos de uma língua tal como é falada em determinado momento. (NORMAND, 2009, p. 54)

As transformações linguísticas acontecem de forma localizada, sendo assim essas mudanças não afetam todo o sistema e elas ocorrem em forma de leis, isto é, elas surgem com elementos que possuem a mesma propriedade.

Retomaremos, aqui, o exemplo dado por Saussure no CLG, quando faz a comparação do deslocamento do linguista ao lugar do falante por meio de um jogo de xadrez, no qual explica que a posição do espectador de um jogo se assemelha a um estado de língua.

Primeiramente, uma posição de jogo corresponde de perto a um estado da língua. O valor respectivo das peças depende da sua posição no tabuleiro, do mesmo modo que na língua cada termo tem seu valor por oposição aos outros termos. Em segundo lugar, o sistema nunca é mais que momentâneo; varia de

⁴⁸ Uma análise mais detalhada pode ser encontrada em: *A noção de sistema na fundação da Linguística Moderna* (COELHO, 2015).

uma posição a outra (...). Finalmente, para passar de um equilíbrio a outro, ou – segundo nossa terminologia – uma sincronia a outra, o deslocamento de uma peça é suficiente; não ocorre mudança geral. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 130).

Saussure explica que as mudanças linguísticas ocorrem de maneira localizada da mesma forma que no jogo de xadrez acontecem apenas em uma peça de cada vez. Cada mudança traz alterações em todo o sistema, porém, nos é impossível mensurar qual a dimensão dessas mudanças no todo. Ainda assim, qualquer que seja a mudança, ela não é importante no estado do jogo: tanto o observador do começo do jogo quanto o que acabou de chegar terão a mesma visão.

Silveira (2007) retoma Saussure no que tange às mudanças linguísticas; não é do conhecimento do falante, ele não as percebe durante a mudança, mas apenas a partir do momento em que essa mudança já está inserida na língua, ou seja, o falante só tem acesso ao estado momentâneo da língua, abstraindo a diacronia e priorizando a sincronia.

Esse processo é notado por Saussure no que se refere às mudanças linguísticas que ocorrem na língua e que, no momento, não são notadas pelo falante. Ou melhor, o falante se dá conta da variação, mas, quando essa variação é suplantada pela mudança, ocorre uma operação que implica que ele tenha acesso somente à forma presente da língua, mesmo que ela ainda contenha o que a constituiu no passado. (SILVEIRA, 2007, p. 45).

Para o mestre genebrino, tanto na língua quanto no jogo de xadrez estamos diante de um sistema de valores e vemos as suas modificações: assim como no sistema linguístico, as posições do jogo de xadrez sofrem alterações, no entanto, essas alterações podem ser descritas a qualquer momento, conforme a posição das peças naquele momento ou conforme a descrição de um estado de uma língua.

Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. Tudo isso se aplica igualmente à língua e consagra a distinção radical do diacrônico e sincrônico. (SAUSSURE, 2012 [1916], p.131).

Observamos que a sincronia é o tabuleiro de xadrez tal como está, em que as peças compatibilizam relações umas com as outras. Já a diacronia seria a sequência de jogadas do começo ao fim do jogo. Logo, para o observador, não importa a jogada anterior e sim como está

o tabuleiro ou a língua nesse momento. As transformações ocorridas na língua não alteram o sistema, ela altera apenas os elementos que constituem o sistema.

É o próprio Saussure quem assinala a diferença entre o jogo de xadrez e a língua, enunciando que na língua nada é premeditado: as mudanças ocorrem espontaneamente e não se aceitaria uma mudança imposta.

Depreendemos, assim, que Saussure destaca o fato sincrônico sobre o fato diacrônico por entender que o fato sincrônico corresponde à verdadeira e única realidade para a massa falante. Ele reafirma a relevância de separar essas duas perspectivas, uma vez que o diacrônico não explicaria a língua por si mesma, são os acontecimentos que a modificam.

Os métodos de cada ordem diferem também, e de dois modos:

a) A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em lhe recolher o testemunho; para saber que medida uma coisa é uma realidade, será necessária e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas. A Linguística diacrônica, pelo contrário, deve distinguir duas perspectivas: uma, *prospectiva*, que acompanhe o curso do tempo, e outra *retrospectiva*, que fala o mesmo em sentido contrário; daí um desdobramento do método.

b) Uma segunda diferença resulta dos limites do campo que abrange cada uma das duas disciplinas. O estudo sincrônico não tem por objeto tudo quanto seja simultâneo, mas somente o conjunto dos fatos correspondentes a cada língua; na medida em que tal for necessário, a separação irá até os dialetos e subdialetos. No fundo, o termo *sincrônico* não é bastante preciso; deveria ser substituído pela designação – um pouco longa, na verdade – de *idiossincrônico*. Ao contrário, a Linguística diacrônica não somente não necessita de semelhante especialização, como também a repele; os termos que ela considera não pertencem forçosamente a uma mesma língua (SAUSSURE, 2012 [1916], p.106).

Dessa citação notamos a insistência no fato sincrônico porque somente por meio dele pode-se estudar a língua por si mesma. Saussure insiste nessa distinção: um “é a relação entre elementos simultâneos, o outro, a substituição de um elemento por outro no tempo, um acontecimento” (SAUSSURE, 2012 [1916], p.133).

Para demonstrar mais claramente essa oposição, Saussure utiliza outra analogia de um instrumento musical: se uma nota do piano estiver desafinada, quando tocarmos a música ela não vai ser totalmente alterada. “Não é a melodia que foi afetada; somente o piano é que esteve avariado” (SAUSSURE, 2012[1916], p.137).

Diante da exposição dos conteúdos de diacronia e sincronia, podemos perceber que diacronia e sincronia são conceitos que estão relacionados e ainda vale ressaltar que, a nosso

ver, a proposta de Saussure foi deixar de lado o processo pelo qual as línguas se modificam para delimitar o modo como elas funcionam, fazendo, assim, com que a sincronia tivesse um destaque maior em sua teoria.

2.4 Diferença entre cursos ministrados e CLG

Após os esclarecimentos sobre as questões de diacronia e sincronia tanto nos cadernos dos alunos quanto na edição do CLG, questionamos até que ponto houve distorção ou pouco entendimento dos ensinamentos de Saussure nos conceitos de diacronia e sincronia, em relação à ordem colocada pelos editores. E ainda, houve exclusão da diacronia em prol da sincronia?

Para isso, fizemos uma análise dos cadernos dos alunos que frequentaram os cursos ministrados por Saussure e a edição do CLG. Após verificarmos os conceitos de diacronia e sincronia nesses dois materiais, partimos da perspectiva de que há uma delimitação desses dois conceitos, mas não a exclusão de um ou de outro. Essa delimitação foi necessária dado essas duas perspectivas trabalharem com o mesmo objeto.

Verificamos em análise aos dois materiais que, quando comparados entre si, há algumas diferenças: a mais notável é em relação à ordem de apresentação dos conteúdos. Porém, é importante ressaltar que apesar da diferença de ordem, observamos também diferenças em relação ao conteúdo apresentado, tanto na questão terminológica quanto lexical. Ademais, neste trabalho, nos restringiremos a analisar a questão da ordem, que será apresentada no próximo capítulo.

Túllio de Mauro (2005[1967]) separa os cursos da seguinte forma:

1º curso – 1907-1907	2º curso – 1908-1909	3º curso – 1910 –1911
Fonologia	Teoria do signo e da língua	Linguística externa
Mudanças Fonéticas e analogias	Definições de sistema (subjativa)	Complementação dos dois cursos
Linguística evolutiva	Unidade, identidade, valor linguístico	
Etimologia	Dois perspectivas metodológicas - diacronia e sincronia	

Reconstrução		
Relação entre unidades percebidas pela sincronia (análise subjetiva)		
Etimologia popular		
Problemas de reconstrução		

Quadro I – Os cursos de Linguística Geral

No entanto, verificamos no Sumário do CLG que a edição dos cursos seguia uma ordem diferente dos cursos presenciais. No livro, essa ordem é a seguinte:

Introdução	Apêndice	Primeira Parte	Segunda Parte	Terceira Parte	Quarta Parte	Quinta Parte
	Princípios da Fonologia	Princípios Gerais	Linguística Sincrônica	Linguística Diacrônica	Linguística Geográfica	Questões de Linguística Retrospectiva Conclusão
3º curso	1º curso	2º e 3º cursos	2º e 3º cursos	1º e 2º cursos	3º curso	1º e 2º cursos

Quadro II – o CLG

Para compreendermos de que forma foi confeccionado o CLG, utilizamos a edição crítica de Tullio de Mauro (2005[1967]). Essa edição expõe o CLG com adição das notas que referenciam a cada parte do livro. Inteiramo-nos das notas as quais referenciavam as fontes do CLG. Nessas notas, De Mauro remete cada capítulo do livro a cada curso representado. Essas notas totalizam 74 com essas referências. Dessa forma, conseguimos identificar a qual(is)

curso(s) se referia(m) o capítulo mencionado.

É importante ressaltar que na edição crítica de Tullio de Mauro há o acréscimo nas notas das partes que foram baseadas em notas de Saussure e ainda acréscimos dos autores. No entanto, para nós, essa questão não será tratada, visto buscarmos a questão da ordem dos cursos em contrapartida à edição do CLG.

Introdução			
Cap. 1	Visão Geral da história da Linguística	Nota 19	3º curso
Cap. 2	Matéria e tarefa da Linguística	Nota 39	3º curso
Cap. 3	Objeto da Linguística	Nota 46,59 e 71	2º e 3º cursos
Cap. 4	Linguística da língua e Linguística da fala	Nota 75	2º e 3º cursos
Cap. 5	Elementos internos e elementos externos da língua	Nota 82	2º curso
Cap. 6	Representação da língua pela escrita	Nota 92, 94, 96, 98, 99	1º e 3º cursos
Cap. 7	A fonologia	Nota 102,104, 108	2º e 3º cursos
Apêndice – Princípios de fonologia			
Cap. 1	As espécies fonológicas	Nota 111, 117, 118	1º curso
Cap. 2	O fonema na cadeia falada	Nota 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126	1º curso
Primeira Parte – Princípios Gerais			
Cap. 1	Natureza do signo linguístico	Nota 128, 135, 144	2º e 3º cursos
Cap. 2	Imutabilidade e mutabilidade do signo	Nota 146, 151	2º e 3º cursos
Cap. 3	A Linguística estática e a Linguística evolutiva	Nota 163, 171, 175, 184, 188, 192, 195, 196, 197	2º e 3º cursos
Segunda Parte – Linguística Sincrônica			

Cap. 1	Generalidades	Nota 200	3º curso
Cap. 2	As entidades concretas da língua	Nota 203, 209, 212, 215	2º e 3º cursos
Cap. 3	Identidades, realidades, valores	Nota 216	2º curso
Cap. 4	O valor linguístico	Nota 224, 230, 233, 239	2º e 3º cursos
Cap. 5	Relações sintagmáticas e relações associativas	Nota 246, 249, 252	2º e 3º cursos
Cap. 6	Mecanismo da língua	Nota 255, 258, 260	1º, 2º e 3º cursos
Cap. 7	A Gramática e suas subdivisões	Nota 265, 267	2º curso
Cap. 8	Papel das entidades abstratas em Gramática	Nota 268	3º curso
Terceira Parte – Linguística Diacrônica			
Cap. 1	Generalidades	Nota 269	1º, 2º e 3º cursos
Cap. 2	As mudanças fonéticas	Nota 270	2º e 3º cursos
Cap. 3	Consequências gramaticais da evolução fonética	Nota 276	1 e 2 cursos
Cap. 4	A analogia	Nota 279	1º e 2º cursos
Cap. 5	Analogia e evolução	Não há notas para esse capítulo referente aos cursos ⁴⁹	1º e 2º cursos
Cap. 6	A etimologia popular	Nota 283	1º e 2º cursos
Cap. 7	A aglutinação	Nota 287	1º e 2º cursos
Cap. 8	Unidades, identidades e realidades diacrônicas	Nota 288	2º curso
Quarta Parte- Linguística Geográfica			
Cap. 1	Da diversidade das	Nota 291	3º curso

⁴⁹ Não há referência de nota para esse capítulo. No entanto, na nota 269 De Mauro explica que toda a terceira parte teve como base uma lição do primeiro curso, duas lições relativas do segundo curso.

	línguas		
Cap. 2	Complicações da diversidade geográfica	Nota 292	3º curso
Cap. 3	Causas da diversidade geográfica	Nota 293	3º curso
Cap. 4	Propagação das ondas linguísticas	Nota 295	2º e 3º cursos
Quinta Parte – Questões de Linguística Retrospectiva Conclusão			
Cap. 1	As duas perspectivas da Linguística diacrônica	Nota 297	1º e 2º cursos
Cap. 2	A língua mais antiga e o protótipo	Nota 298	1º e 2º cursos
Cap. 3	As reconstruções	Nota 300	1º curso
Cap. 4	O testemunho da língua em Antropologia e em Pré-história	Nota 302	2º curso
Cap. 5	Famílias de línguas e tipos linguísticos	Nota 304	3º curso

Quadro III – Notas de Tullio de Mauro.

O objetivo de relacionar as partes do CLG aos cursos é verificar que a ordem seguida pelos editores não segue a ordem dos cursos ministrados. Essa exposição nos demonstra ainda a particularidade em que a obra foi elaborada. A impressão que nos passa é que o livro foi compilado como um quebra-cabeça com junção de várias partes para que se chegasse a um todo: a edição do livro CLG.

O que percebemos é que Saussure, durante os cursos ministrados, retoma várias vezes as questões de terminologia, assim como os conceitos de diacronia e sincronia. Dessa forma, notamos que, apesar da ordem do curso, esta não é definitiva, pois os temas reincidem.

No próximo capítulo, apresentaremos algumas reflexões sobre essa questão da ordem do CLG do ponto de vista de alguns pesquisadores de linguística geral.

Capítulo 3 A recriação dos cursos de linguística geral: a edição do CLG

3.1 Considerações iniciais

Os cadernos dos alunos de Saussure nos permitem examinar que a ordem de ensinamentos do conteúdo proposto por Saussure dá-se a princípio pela diacronia, para depois passar para a sincronia. No entanto, verificamos um movimento em relação à teoria de Saussure que perpassa pelos três cursos. Já os editores do CLG não seguiram a ordem dos cursos ministrados e optaram por colocar primeiro o conteúdo da Linguística sincrônica e depois o conteúdo da Linguística Diacrônica.

Nesse percurso, investigamos a mudança da perspectiva em relação aos estudos sobre a língua, do diacrônico para o sincrônico. Agora, primeiramente, buscaremos compreender de que forma os cursos ministrados se transformaram em um livro, escrito de uma forma tão peculiar.

A partir desses esclarecimentos, tanto nos cadernos dos alunos quanto no CLG, prosseguimos com a hipótese colocada no início desta pesquisa, de que a ordem estabelecida pelos editores interfere na compreensão da teoria saussuriana.

3.2 Os editores do CLG

Como vimos anteriormente, o CLG é uma obra que foi publicada em 1916 por Bally e Sechehaye, atestando a autoria das ideias do livro a Saussure, baseadas em aulas ministradas pelo mestre na Universidade de Genebra.

Charles Bally (1870-1947) estudou em Genebra e depois em Berlim, onde obteve o doutorado em 1889. Sua tese constituiu-se em uma análise sobre as peças líricas das tragédias de *Eurípide* (REDARD, 1982, p. 5). Em 1892, retornou à Genebra e se tornou professor de alemão na escola de negócios. Mas foi em 1905 que Bally começou a se destacar pelos estudos da linguagem.

Foram os *Précis de stylistique* (1905) e o *Traité de stylistique française* (1909) que tornaram conhecido o nome de Bally e garantiram-lhe desde o início uma autoridade indiscutível nesta ordem de estudo, que ao mesmo tempo pedia precisão científica e um senso aguçado das nuances da linguagem.⁵⁰ (GODEL,

50 Tradução nossa de: C'est le Précis de stylistique (1905) et le Traité de stylistique française (1909) qui firent connaître au loin le nom de Bally et lui assurèrent d'emblée une autorité indiscutée dans cet ordre d'études qui réclame tout ensemble la précision scientifique et un sens aigu des nuances du langage.

1982, p. 55-56).

Para Godel (1982), Bally, com a publicação dos livros sobre a estilística, era uma autoridade nesse assunto, o que trazia uma precisão científica e um conhecimento da linguagem.

De acordo com Georges Redard (1982, p. 5), em 1894, Bally participou pela primeira vez das aulas de Saussure como ouvinte, o que o despertou para novas pesquisas na área da linguagem. Após esse encontro, ele seguiu as aulas de germânico, história e comparação de línguas indo-europeias do mestre. Após a morte de Saussure em 1913, Bally o substituiu no curso de Linguística Geral e de Linguística Comparativa na Universidade de Genebra.

Albert Sechehaye (1870 – 1946) nasceu em 4 de julho de 1870 em Genebra. Licenciou-se em Letras Clássicas pela Universidade de Genebra em 1891, cursou o doutorado em Leipzig em 1893 e depois se transferiu para a Boêmia (MERCER, 2016, p. 112). Concluiu o doutorado em 1902, com uma tese sobre o subjuntivo francês. Em 1903, retornou à Genebra onde foi professor até 1946, ano de sua morte. Foi na Universidade de Genebra que se tornou aluno de Saussure, nos cursos de fonética grega e latina, sânscrito e indo-europeu.

De acordo com Mercer (2016, p. 112), a busca teórica de Sechehaye era a natureza da linguagem e as bases epistemológicas de seu estudo. Escreveu um livro intitulado *Programme et méthodes de la linguistique théorique; psychologie du langage* em 1908. Nesse livro, ele faz uma dedicatória a Saussure:

Foi o senhor que despertou em mim o interesse que tenho pelos problemas gerais da linguística, e foi do senhor que recebi vários dos princípios que iluminaram meu percurso nestas pesquisas. Embora meu pensamento, na sequência, tenha tomado caminhos pessoais, ao escrever cada uma destas páginas, minha ambição foi de merecer sua aprovação. Uma vez acabada a obra, o senhor teve por bem examiná-la e me encorajar em meu empreendimento com o apoio que sempre tive de sua parte. (SECHEHAYE *apud* MERCER, 2016, p.112).

Mercer ressalta que neste livro Sechehaye faz uma análise da linguagem em seus elementos constitutivos e a atribuição desses objetos de estudo às diversas disciplinas linguísticas. Ele conclui que o livro “é, portanto, uma proposta de delineamento epistemológico da linguística” (MERCER, 2016, p. 113).

Notamos que tanto Bally quanto Sechehaye tinham conhecimento em linguística geral; Sechehaye na teoria da natureza da linguagem e Bally na estilística. Posto assim, percebemos que Charles Bally e Albert Sechehaye não foram apenas editores do livro, baseados nos cursos em que não frequentaram, mas sim como alunos e depois colegas de Saussure, que adquiriram

conhecimento dos ensinamentos e admiração pelas ideias do mestre.

3.3 Pedacos de papel

Logo após a morte do professor, Marie Faesch de Saussure, viúva de Ferdinand de Saussure, passou a receber propostas para que o material de seu marido fosse publicado. Esse assunto tornou-se comum entre os linguistas tais como Sechehaye e Bréal, mas o primeiro a propor abertamente foi Bally (SOFIA, 2013, p. 182). Essa ideia de uma publicação é demonstrada em carta de Bally em primeiro de março de 1913, poucos dias após a morte do mestre:

Qualquer pessoa presente em seus cursos de lingüística geral, enriquecida todos os anos por novos ensinamentos, tem um guia duradouro e confiável para a pesquisa da linguagem. Essas palestras foram religiosamente gravadas nas anotações de seus alunos; qualquer livro feito disso seria um ótimo livro. Nunca verá a luz? (BALLY *apud* ENGLER, 2004, p.48-49).⁵¹

A princípio Bally troca cartas com Antoine Meillet, também ex-aluno de Saussure, a quem Saussure confiou várias cartas e angústias durante a vida. Meillet (1866-1936) foi aluno de Saussure em Paris e seu sucessor na *École des Hautes Études*, além de ser amigo e confidente em troca de cartas. Após a morte de Saussure, Marie de Saussure escreve a Meillet em 25 de maio de 1913:

E agora vários de seus alunos me perguntaram se talvez não houvesse, entre suas anotações, algo que pudesse ser publicado Talvez, olhando através das anotações feitas por vários alunos em anos diferentes, possamos ter uma ideia relativamente completa de um de seus cursos, mas, para isso, não devemos agir com pressa - Você concorda? - Pode-se, por uma publicação apressada, desfazer um corpo de trabalho ao qual se poderia ter feito justiça, dado o tempo. - Eu sou, naturalmente, não versada nesta área; no entanto, sei que meu marido nunca se apressou em nada e que o que ele deixou para sua disciplina foi fruto de muita reflexão madura. (MARIE DE SAUSSURE *apud* ENGLER, 2004 p. 49).⁵²

51 Tradução nossa de: Anyone present at his courses in general linguistics, enriched every year by new insights, has a lasting and dependable guide to research into language. These lectures were religiously recorded in his pupils' notes; any book made thereof would be a fine book. Will it never see the light?

52 Tradução nossa de: And now several of his students have asked me if there might not be, among his notes, something publishable... Perhaps by looking through the notes taken by various students in different years we might gain a relatively complete idea of one of his courses, but to do so we must not act in haste – Do you agree? – One may by a too hasty publication undo a body of work to which one might have done justice, given time.. – I am, naturally, unversed in this area; I do however know that my husband never rushed into anything and that what he has left to his discipline was the fruit of much mature reflexion.

Meillet concordava com Bally asseverando que somente os alunos que assistiram às aulas tiveram acesso ao benefício desse pensamento. Sofia (2013, p.183) reiterou que a intenção de Meillet era uma publicação de um artigo sobre os dois caminhos para abordar os fatos linguísticos: estudar a linguagem em um dado momento e estudar a linguagem em seu desenvolvimento no tempo, mas Bally tinha a intenção de publicar algo mais completo, tal como um livro.

Entretanto, após cartas trocadas entre Sra. Marie de Saussure, Bally e Meillet, percebe-se que o pensamento da viúva se aproximava mais do de Bally e ela lhe confiou os manuscritos de Saussure. De acordo ainda com Sofia (2013, p. 185), não há registros de como Sechehaye entrou no projeto de Bally; sabe-se apenas que Bally abandonou suas correspondências com Meillet e Regard e inicia o projeto com Sechehaye, após o recebimento dos manuscritos da Sra. Marie de Saussure.

Após a morte do mestre, esperávamos encontrar-lhe nos manuscritos, cortesmente postos à nossa disposição por Mme de Saussure, a imagem fiel ou pelo menos suficientemente fiel de suas geniais lições; entrevíamos a possibilidade de uma publicação fundada num simples arranjo de anotações pessoais de Ferdinand de Saussure, combinadas com as notas de estudantes. Grande foi a nossa decepção; não encontramos nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos de seus discípulos; F. de Saussure ia destruindo os borradores provisórios em que traçava, a cada dia, o esboço de sua exposição! As gavetas de sua secretária não nos proporcionaram mais que esboços assaz antigos, certamente não destituídos de valor, mas que era impossível utilizar e combinar com a matéria dos três cursos. (BALLY e SECHEHAYE, 2012[1916], p.23-24).

Os editores no “Prefácio à primeira edição” do CLG se mostraram decepcionados ao não encontrarem as anotações que buscavam. Eles imaginavam que essas anotações estariam dispostas de forma clara e prontas para serem publicadas. Porém, constataram não haver “quase nada” (BALLY e SECHEHAYE, 2012[1916], p. 24) que correspondesse aos cadernos dos alunos e optaram assim por fazer uma recriação dos cursos ministrados. E para confeccionar essas informações, visto terem encontrado poucas anotações de Saussure sobre os cursos, os editores recorrem aos cadernos dos alunos participantes do curso.

Godel (1957) também confirma a percepção de que Saussure não elaborava de forma didática as aulas do curso de linguística geral, ideias essas que para ele seriam inovadoras:

As anotações do curso formam apenas uma parte do dossiê e só contêm a matéria de algumas aulas, inteiramente redigidas ou simplesmente esboçadas. As que se referem ao terceiro curso dão a impressão de que Saussure preferia redigir as primeiras lições, ou aquelas cujo assunto não lhe apresentava

nenhuma dificuldade, e que em contraposição hesitava em deixar por escrito ideias sobre as quais não tinha tido tempo de meditar suficientemente: limitava-se então a anotar um esquema, uma reflexão, alguns exemplos. É provável que as suas lições mais originais não tenham sido mais que o desenvolvimento oral de semelhantes pró-memórias: os seus alunos lembram-se ainda dos “pedaços de papel” de que ele se servia para o seu curso. (GODEL, 1957, p. 36).

Diante de poucas anotações em amontoados de papéis de Saussure sobre a Linguística Geral, Bally e Sechehaye optaram por reunir cadernos dos alunos que assistiram às aulas de Saussure, entre os anos de 1907 e 1911, visto que eles não conseguiram frequentar os cursos. Eles alegam esse fato no Prefácio “obrigações profissionais nos haviam impedido quase completamente de nos valer de seus derradeiros ensinamentos [...]” (BALLY e SECHEHAYE, 2012[1916], p. 25) e também Bally confessa esse dado em carta escrita a Sechehaye, admitindo não haver seguido os cursos de Saussure, mas que Riedlinger o havia seguido e estava disposto a entrar no projeto da publicação. E dessa reunião de cadernos de alunos nasce o livro *Curso de Linguística Geral*, uma obra póstuma publicada em 1916.

Para a confecção do CLG, foram utilizados no primeiro e segundo cursos os cadernos de Louis Caille, Léopold Gautier, Paul Regard e Albert Riedlinger e no terceiro curso os cadernos da Sra. Sechehaye, George Dégalier e Francis Joseph. A partir desses cadernos, Bally e Sechehaye decidem fazer um arranjo e publicar as ideias de Saussure.

A justificativa dos editores para a reconstrução foi pelo fato de não ter como publicar os cadernos e manuscritos na sua forma original, pois as aulas eram dadas de forma oral e assim havia repetições e “encavalamentos” (BALLY e SECHEHAYE, 2012 [1916], p. 25), o que daria um aspecto heteróclito na publicação. Essa recriação evitaria variações e traria a forma definitiva do pensamento de Saussure.

Decidimo-nos por uma solução mais audaciosa, mas também, acreditamos mais racional: tentar uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais que dispúnhamos, inclusive as notas pessoais de F. de Saussure. Tratava-se, pois, de uma recriação, tanto mais árdua quanto deveria ser inteiramente objetiva [...] (BALLY e SECHEHAYE, 2012 [1916], p. 25).

Godel (1957) defende os editores, no que se refere à decisão de fazer uma síntese, uma reconstrução, constatando ser essa a melhor opção que os editores deveriam ter tomado na época, pois seria a decisão mais sábia.

Essas razões são de relevância incontestável, e um estudo prolongado de

cadernos dos alunos e anotações pessoais me convencem que à época, a decisão tomada, não sem hesitação e escrúpulo, pelos editores do *Cours* decidiram pelo caminho mais sábio poderia levar.⁵³ (GODEL, 1969 [1957], p. 9).

Nessa reconstrução, foi informado pelos editores que nem tudo é um pensamento inédito e original, porém a exposição dessas ideias, que não eram inovadoras, seria importante para oportunizar a compreensão de outros princípios e do todo de uma maneira geral.

Os editores tinham consciência das possíveis críticas à sua reconstrução: uma delas seria a acusação de que estaria incompleta: ‘o ensino do mestre jamais teve a pretensão de abordar todas as partes da Linguística’ (BALLY e SECHEHAYE, 2012 [1916], p.26), que seriam a ausência da semântica e a ausência de uma linguística da fala, o que justifica a não publicação em virtude da falta de materiais. Também sabiam que as críticas poderiam recair sobre o conteúdo do livro e questionam: “Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes? Ficar-lhe-íamos gratos se dirigisse a nós os golpes com que seria injusto oprimir uma memória que nos é querida” (BALLY e SECHEHAYE, 2012 [1916], p.26).

No prefácio da edição brasileira, Salum verifica que o CLG não é uma “bíblia da Linguística Moderna, mas é ainda o ponto de partida de uma problemática que continua na ordem do dia” (SALUM, 2012 [1970], p. 13). Ainda compara Saussure a Sócrates e a Jesus, pois, assim como eles, Saussure não deixou o Curso escrito, ou seja, temos um Saussure pela visão de outras pessoas: a visão dos alunos participantes do curso e das cópias dos cadernos e depois ainda a visão dos editores reconstrutores dos cursos.

Entendemos aqui as dificuldades dos editores ao tomarem uma difícil decisão em fazer uma reconstrução dos cadernos dos alunos. Percebemos ainda que os editores não tinham material concluído para essa reconstrução, sendo assim, tiveram que recorrer aos cadernos dos alunos que participaram dos cursos de linguística geral ministrados por Saussure.

3.4 A recriação da ordem

Como visto anteriormente, houve uma divergência entre a ordem dos cursos e a apresentada no CLG, pois os editores, após a recriação do conteúdo, ficaram diante de outro impasse: a ordem do conteúdo das aulas e a sua disposição no livro para publicação. Os editores, que também tiveram sua formação na gramática comparada, entendiam que a inovação das

53 Tradução nossa de: Ces raisons sont d’une incontestable pertinence, et une étude prologée des cahiers d’étudiants et des notes personnelles me convainc que à l’époque, le parti auquel se sont arrêtés, non sans hésitations et scrupules, les éditeurs du Cours étati, em as haridesse, le plus sage qu’on pût prendre.

ideias de Saussure estava presente no terceiro curso. Pensaram em uma maneira mais objetiva para compreensão dos ensinamentos do mestre, e a ordem definida para o livro CLG foi indicada pelos editores “apresentando-lhes todas as partes numa sequência conforme a intenção do autor, mesmo quando semelhante intenção fosse mais adivinhada que manifestada”. (BALLY e SECHEHAYE, 2012 [1916], p. 25).

Decidiram, assim, por não seguir a ordem cronológica dos cursos ministrados na Universidade de Genebra e entendiam também que caso colocassem apenas o conteúdo do terceiro curso o pensamento de Saussure ficaria incompleto, assim os conteúdos dos outros dois cursos foram dispostos em lugares considerados pelos editores menos importantes do livro.

A ordem definida pelos editores, como eles afirmam no prefácio do CLG, inicia com base no terceiro curso, ou seja, com a noção de língua. Diferentemente dos cursos ministrados, que partem da diversidade das línguas para depois chegar à noção de língua. Dessa forma, o leitor comum do CLG conjectura que Saussure partiu da noção universal para o particular, e durante os cursos presenciais Saussure parte do estudo das línguas para a língua.

Para Godel (1969 [1957]), a decisão de colocar a língua em primeiro lugar surgiu da frase do terceiro capítulo da introdução: “Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 2012 [1916], p.41). Essa frase de Saussure poderia ser o motivo de os editores definirem a ordem do *CLG*.

Salum (2012), retomando os editores, confirma que eles optaram por alterar a ordem das aulas para editar o livro, visto que decidiram colocar nos primeiros capítulos as inovações sobre a Linguística e nos capítulos finais e apêndice os assuntos recorrentes da disciplina. Como aponta o aturo, “(...) o *Préface* de Ch. Bally e A. Sechehaye denuncia uma espécie de insatisfação com a edição, tal qual a fizeram, mas que era o modo mais sensato de editar anotações da aula”. (SALUM, 2012 [1916], p.18).

Nesta nova ordem da edição, verifica-se que os editores optaram por colocar primeiro a perspectiva sincrônica antes da perspectiva diacrônica, pois o primeiro era o que introduzia uma nova forma de estudos sobre a língua.

Para alguns autores, a sequência definida pelos editores deturpou os ensinamentos do mestre e que a ordem cronológica demonstra a evolução do pensamento e a construção desse pensamento. Dentre esses autores, destacaremos Eisuke Komatsu, Roy Harris e George Wolf e Simon Bouquet. A escolha desses autores se deu pelo fato de eles terem acesso aos cadernos dos alunos e a partir deles intencionaram fazer uma recriação dos cursos na ordem cronológica. Komatsu e Wolf, na recriação do primeiro e segundo cursos, e Komatsu e Harris no terceiro

curso.

Segundo Harris (2003), a edição coloca uma subordinação e um apagamento da gramática comparativa, apesar de sua essencialidade ao entendimento dos processos sincrônicos. Os editores não deram chance aos leitores de fazer a elaboração de uma interpretação das ideias de Saussure, pois eles se achavam na posição de únicos intérpretes dessas ideias.

[...]Bally e Sechehaye decidiram não dar aos seus leitores a chance de buscar a resposta por si mesmos. Por mais de uma geração, Bally e Sechehaye se apegaram ao seu papel automeado como únicos intérpretes "oficiais" do sucessor de Saussure na cadeira de linguística geral. Embora as fontes manuscritas que eles usaram estivessem guardadas na biblioteca de Genebra, elas não mostraram inclinação para publicá-las, impedindo, assim, qualquer avaliação crítica de seu trabalho editorial. (HARRIS, 2003, p. 32) ⁵⁴

Ele concorda que os editores, por serem colegas e colaboradores de Saussure, estavam numa melhor posição, no entanto, eles não frequentaram as aulas e alguns temas abordados os deixaram confusos sobre o que antes tinham conhecimento.

De acordo com Komatsu (1997, p. x), a leitura do CLG foi corrompida pela ausência da continuidade. Atesta no prefácio do PCLG, que a edição feita por Bally e Sechehaye está “longe de ser natural, é antes artificial, até mesmo por vezes incompreensível” e por isso seu objetivo na publicação do livro é trazer esse pensamento real de Saussure em desenvolvimento.

Também denuncia que na primeira e na última parte não há correspondência entre si, e, mais ainda, se contradizem. Isso se justificaria pelo fato de o apêndice ter sido baseado em materiais escritos por Saussure e não serem parte das aulas ministradas em Genebra. Dessa forma, assegura que o apêndice “(...) tem algo fora de lugar e heterogêneo quando comparado a parte do *Cours* que lida com a *langue*”.⁵⁵

No prefácio do Primeiro Curso vemos uma crítica à publicação do CLG, principalmente pela ordem em que foi apresentado. Komatsu e Wolf (1996) também criticam a edição de Engler por seguir a mesma ordem da “vulgata” do Curso. Além de não seguir a ordem das aulas, Engler ainda privou os leitores da leitura na ordem cronológica. Além do mais, ele

54Tradução nossa de: [...] Bally e Sechehaye had decided on gave their readers no chance of pursuing the answer for themselves. For more than a generation Bally and Sechehaye clung to their self-appointed role as sole ‘official’ interpreters of Saussure’s successor in the chair of general linguistics. Although the manuscript sources they had used were housed in the library at Geneva, they showed no inclination to publish them, thus in effect blocking any critical appraisal of their editorial work.

55 Tradução nossa de: has something out of place and heterogeneous about it when it is compared with the part of the *Cours* dealing with *langue*.

apenas tornou público as partes que foram utilizadas para confecção do CLG, impedindo que várias partes anotadas pelos alunos continuassem sem conhecimento.

Para Komatsu (1996), o motivo de Saussure ter iniciado pela mudança linguística poderia ser entendido pelo fato de ele ter aceitado o cargo de professor de linguística já no início do ano acadêmico de 1906, o que justificaria, de acordo com o autor, Saussure iniciar os ensinamentos pelo “material que já tinha em mãos”, que era a respeito das mudanças linguísticas, estudo esse que ele vinha desenvolvendo desde a publicação do *Mémoire* em 1879.

Saussure aborda a linguística de duas formas, a estática e a histórica. E é o próprio Saussure que explica a ordem do curso. Para ele, primeiro deve-se partir da perspectiva histórica “não que seja mais importante do que a estática com a qual forma uma espécie de antinomia; mas porque nos escapa, à primeira vista, é necessário tê-lo para completar nosso conceito da língua” (SAUSSURE *apud* KOMATSU e WOLF, 1996, p. xiv). Assim, o primeiro curso foi dedicado à mudança linguística, principalmente com temas históricos de mudança de som e analogia. Logo que ele concluiu o estudo diacrônico da língua, passou para o estudo sincrônico, na perspectiva estática, a linguagem em seus estados.

Verificamos que o próprio Saussure define a ordem dos cursos e explica a importância de se começar pela mudança linguística. Entretanto, conforme afirmado anteriormente, apesar dessa ordem definida por Saussure, houve durante os cursos um movimento em relação ao conteúdo apresentado nos conceitos de diacronia e sincronia em que o autor retoma o tema nos três cursos para maior clareza dos ensinamentos.

Selecionamos, aqui, como exemplo, o capítulo da Linguística Geográfica. No CLG a Linguística Geográfica ocupa a quarta parte do livro. Nesse tópico, Saussure estuda *as línguas* e o conteúdo desse capítulo, conforme notas de De Mauro, consta em sua grande maioria no TCLG. No entanto, a afirmação que Saussure parte das línguas para chegar à língua não se sustenta, pois durante os cursos é possível verificar que os assuntos são retomados, havendo um movimento entre o conteúdo *da língua* e *das línguas*.

3.5 Edições críticas

A particularidade com que fora publicado o CLG, conforme mencionamos no início deste capítulo, tais como ser uma obra póstuma e publicada sem o consentimento do autor, além de o material ser baseado em cadernos de alunos que, em alguns casos divergiam sobre a forma como foram escritos e um pensamento em construção que às vezes se contradizia, geraram várias pesquisas posteriores.

Utilizaremos em nossa análise as edições críticas do CLG organizadas por Robert Godel (1957), Rudolf Engler (1967) e Tullio de Mauro (2005[1967]). As edições críticas, a nosso ver, não colocam em dúvida a originalidade do pensamento do mestre genebrino; a importância delas para nós se dá por elas nos mostrarem uma visão mais ampliada do processo de elaboração teórica do curso, o que nos ajuda a compreender algumas questões da edição do CLG.

Inicialmente, não havia discussão sobre como o CLG havia sido elaborado. Apesar de os linguistas saberem a forma particular da edição, o livro teve uma boa aceitação pela maior parte deles (NORMAND, 2009). Para muitos linguistas da década de 50, Saussure era colocado em lugar de destaque nos estudos linguísticos e não havia questionamentos quanto à forma que o livro havia sido editado. Nessa época, as questões estavam voltadas para a teorização de Saussure, principalmente pelos conceitos de língua e fala e sincronia e diacronia.

Entretanto, a partir da publicação em 1957, de *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*, de Robert Godel, além da descoberta de novos manuscritos do próprio Saussure e dos cadernos de Emile Constantin em 1958 - os mais completos - e das edições críticas de Rudolf Engler em 1967 e 1971, que apresentavam as notas dos estudantes em comparação com o CLG, e a edição crítica de Tullio de Mauro em 1967, e, ainda a partir da descoberta dos manuscritos em 1996 com Simon Bouquet, que contesta a fidelidade do livro em relação aos manuscritos, o CLG começou a ser confrontado com os “originais”⁵⁶

Para Normand (2009), a publicação de Godel, juntamente da edição crítica de Engler, marcariam uma ruptura nos estudos sobre Saussure, que foram divididas em dois tipos de estudos:

[...] de um lado, os comentários sobre o CLG, em particular as resenhas nas revistas de linguística que sucederam a publicação de 1916 e produziram, classicamente, as apresentações críticas da teoria exposta no Curso. Esses comentários se desenvolveram e multiplicaram no entusiasmo dos anos estruturalistas; seu objetivo explícito era a análise conceitual de um texto teórico considerado quase unicamente como “fundador” da linguística moderna e, sem questionar o texto de 1916, buscam nas fontes, após a publicação de Godel, apenas os complementos de informação; a pesquisa filológica, por outro lado, completadas pela linguística geral (em particular sobre as lendas germânicas e sobre a poesia latina), têm como objetivo encontrar o pensamento autêntico e completo de Saussure; o Curso, qualificado como “apócrifo” por Jakobson, é então reduzido ao estatuto duvidoso de vulgata, ou seja, de contrafação. Os comentários críticos dirigem-

⁵⁶ As aspas significam para nós que não compartilhamos da ideia que haveria originais. Para nós o Curso apresenta a originalidade do pensamento de Saussure, assim como as fontes manuscritas. (cf. Silveira, 2007)

se ao pensamento de certo modo redescoberto do “verdadeiro” Saussure. (NORMAND, 2009, p. 116-117)

Percebe-se que a partir da exposição das fontes, comparando-as com o CLG, teremos duas formas de estudo sobre Saussure. De um lado, o estudo das teorias do mestre, considerando-o como fundador da Linguística Moderna e, de outro, autores que veem o CLG como uma vulgata e buscam nos manuscritos inéditos o “verdadeiro” Saussure. Ainda, segundo Normand, entre esse primeiro grupo de linguistas estão os pesquisadores que se situam numa perspectiva epistemológica e são os contemporâneos de Saussure, os positivistas, ou seja, buscavam critérios de cientificidade, e o segundo grupo é composto por pesquisadores que investigam a autenticidade do pensamento de Saussure.

Godel (1957) explica que sua publicação se fez necessária em virtude de controvérsias que surgiram no texto, o que colocava em xeque a lealdade dos editores ao pensamento de Saussure. Por isso ele propõe uma leitura não só do Curso, mas também dos cadernos de alunos e anotações do próprio Saussure. Mencionava, ainda, buscar “as páginas mais originais”. Para a edição crítica, ele utilizou as fontes de Riedlinger e Dégallier num total de mais de mil páginas dos cadernos. Ele explicita o objetivo da sua publicação:

[...] foi necessário destacar a linha original da apresentação de onde os editores desmembraram o texto de sua fonte, feito de intervenções ou combinação de diferentes fontes. Espera-se que os capítulos seguintes forneçam aos leitores do Curso de Linguística Geral uma "chave" que permita uma exegese mais segura e, se necessário, prova da consciência e inteligência que os dois discípulos puseram a serviço do pensamento de seu mestre.⁵⁷ (GODEL, 1969[1957], p. 11).

Continuando com Godel tem-se, por um lado, o pensamento de Saussure, o esforço para construir uma teoria da linguagem e da linguística e, por outro lado, o CLG, que os editores tentaram reconstruir, uma síntese desse pensamento e as interpretações propostas a partir do Curso que, para ele, é claro haver uma distância entre a teoria de Saussure e essas interpretações; como exemplo, cita o princípio da arbitrariedade do signo e as dualidades fala/língua, sincronia/diacronia e conclui que Bally e Sechehaye tentaram fazer uma síntese, mas acabaram interferindo no Curso, principalmente no terceiro, e essas intervenções nem sempre foram bem-

57Tradução nossa de: [...] il y avait lieu de faire ressortir la ligne originale de l'exposé là où les éditeurs ont morcelé le texte de leur source, pratiqué des interventions ou combiné des sources différentes. On espère qu'ainsi les chapitres qui suivent fourniront aux lecteurs du Cours de linguistique générale une "clé" qui en permettra une plus sûre exégèse et, s'il en étiati besoin, la preuve de la conscience et de l'intelligence que les deux disciples ont mises au service de la pensée de leur maître. (GODEL, 1957, p. 11).

sucedidas.

A segunda edição crítica publicada sobre o CLG foi a de Rudolf Engler em 1967 Tomo 1 e posteriormente em 1974 o Tomo 2, na qual ele reitera que, apesar de ser uma edição crítica, não pretende fazer uma antítese do CLG, e sim uma síntese do curso e de suas pesquisas, pois uma crítica seria contestar o “admirável trabalho dos editores” (ENGLER, 1967, p. 5). Todavia, afirma que ninguém poderia determinar o pensamento definitivo de Saussure e, por conseguinte, propõe uma nova edição em que seja possível confrontar o CLG e suas fontes.

Ora, não poderia estar em questão para nós “corrigir” o CLG. Em parte, seria presunçoso contestar o admirável trabalho dos editores; por outro lado, ninguém saberia determinar o pensamento definitivo de F. de Saussure. Nosso propósito se encontra assim definido por antecipação: a edição crítica não deveria ser uma crítica do CLG, mas uma edição que permitia confrontar o texto do CLG com suas fontes.⁵⁸ (ENGLER, 1967, p.5).

A edição crítica de Engler contém seis colunas: na primeira está o texto do CLG publicado em 1916; a segunda, terceira, quarta e quinta colunas apresentam as fontes utilizadas pelos editores, ou seja, as notas dos alunos de Saussure do primeiro, do segundo e terceiro cursos. A sexta coluna refere-se às notas inéditas de Saussure, fontes descobertas por Godel em disposição sinótica.

As colunas dos cadernos dos alunos contêm as seguintes letras:

R para Riedlinger; as anotações foram utilizadas para o 1º curso

Ca para Caille; as anotações foram utilizadas para o 1º curso.

G para Gautier; as anotações foram utilizadas para o 2º curso.

B para Bouchardy; as anotações foram utilizadas para o 2º curso.

C para Constantin; as anotações foram utilizadas para o 2º e 3º cursos.

D para Degalier; as anotações foram utilizadas para o 3º curso.

S para Sra. Secheyay; as anotações foram utilizadas para o 3º curso.

J para Joseph; as anotações foram utilizadas para o 3º curso.

Segundo Engler (1967), os estudiosos da época sabiam que o CLG havia sido publicado a partir de notas de alunos e editado por Bally e Secheyay, mas a publicação de Godel em 1957 lança bases para uma nova interpretação do Curso. Para ele, foi a partir dessa

58 Tradução nossa de: *Or, il ne pouvait être question pour nous de ‘corriger’ le CLG. D’une part, il serait présomptueux de contester l’admirable travail des éditeurs; d’autre part, nul ne saurait déterminer la pensée définitive de F. de Saussure. Notre propôs se trouve ainsi défini par avance: l’édition critique ne devrait pas être une critique du CLG, mais une édition permettant de confronter le texte du CLG avec ses sources.*

publicação que se iniciou a busca pelo “verdadeiro” Saussure, pois alguns linguistas declaravam que Saussure havia sido traído pelos seus editores Bally e Sechehaye, fazendo com que o Curso fosse inautêntico. Engler não vê Bally e Sechehaye como traidores de Saussure, porque a traição só seria concreta se eles colocassem os seus próprios pontos de vista no CLG e isso não aconteceu.

Publicada em 1967, a edição crítica de Tullio de Mauro assegura que o trabalho das edições críticas, apesar de ser a maior contribuição para Linguística, ainda é incompleto e insuficiente, e as edições críticas, além de raras, foram editadas de forma difícil de ler. Ele justifica a publicação de sua edição em seu texto: as notas e comentários têm finalidades diferentes, algumas são para complementar, colocando as referências a autores e fatos no texto e outras iriam comparar o texto do Curso ao material editado e não publicado, isto é, os inéditos, tais como notas autografadas, notas de estudantes, cartas de Saussure, dentre outros.

Ainda de acordo com De Mauro (2005[1967], p. v), apesar de o CLG ser a compilação de cadernos de alunos expectadores dos cursos com raras notas autografadas de Saussure, Bally e Sechehaye conseguiram compreender o pensamento do mestre, com algumas raras exceções de mal entendidos. Assim, conclui que o CLG é a representação do pensamento mais completo da doutrina saussuriana e ainda completa, com veemência, que a Linguística tem uma dívida com Bally e Sechehaye.

Como afirmamos anteriormente, as edições críticas para nós têm um significado de complementação à leitura do CLG. Acreditamos que essas edições nos ajudam a compreender de forma mais clara a formação do pensamento saussuriano.

3.6 Fidelidade da edição

Neste tópico apresentaremos os estudos de alguns autores tais como De Mauro, Normand e Silveira, que entendem que, apesar da edição, o conteúdo do CLG remete às ideias de Saussure e atesta a originalidade de suas ideias, e autores como Harris e Bouquet, que acreditam que as ideias de Saussure não foram originais. Mas, será que esses autores apagarão os ecos de Saussure, que não escondeu seus inúmeros impasses quanto à diversidade dos seus objetos que a própria reflexão permite?

Esses autores asseguram que, além de Bally e Sechehaye omitirem pontos importantes do terceiro curso, eles ainda acrescentaram passagens por conta própria. Entre esses acréscimos, citaremos a última frase do livro:

Das incursões que acabamos de fazer nos domínios limítrofes de nossa ciência, se depreende um ensinamento inteiramente negativo, mas tanto mais interessante quando concorda com a ideia fundamental deste curso: a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 305).

Sabe-se que essa conclusão foi colocada pelos editores, ou seja, é dos editores e não de Saussure. Segundo Godel (1969 [1957]), os editores pretenderam concluir um pensamento de Saussure, porém, essa conclusão causou uma “deformidade” do pensamento do mestre, visto que para Saussure o objeto da linguística eram as línguas e a língua e não somente a língua como proposto. No entanto, nos questionamos: será que uma frase poderia mudar toda uma construção teórica de Saussure? Houve realmente uma deformidade do pensamento saussuriano com a inclusão de uma conclusão feita pelos editores?

Para Calvet (1975), essa inserção negaria toda a linguística externa e quaisquer elementos exteriores que intervêm na língua, tais como fatos sociais, políticos e econômicos. Por isso, ressalva ser impossível uma leitura do CLG sem as edições críticas de Godel, Engler e De Mauro.

Engler (2004) esclarece alguns pontos sobre o CLG, observando que no Curso não há as palavras reais de Saussure, mas sim anotações de três cursos baseados em notas de alunos. Entretanto, Engler assevera que apesar da publicação do CLG ter uma significância histórica, questiona a aprovação de Saussure em relação à publicação dos cursos, e ainda, indaga se os editores são falseadores ou intérpretes da teoria de Saussure.

Vale a pena perguntar, portanto, se é concebível que Saussure, que nem sequer se decidiu a finalizar e publicar o texto de 1891, *Essence double*, apesar do estado avançado de um texto escrito por suas próprias mãos, teria permitido a publicação de notas de leitura dos alunos, anotadas apressadamente, que eram inevitavelmente aproximadas.⁵⁹ (ENGLER *apud* SANDERS, 2004, p.48).

Komatsu (1993, p.vii) reitera que o Curso é heterogêneo e artificial. Isso ocorreria pelo fato de as ideias de Saussure terem sido apresentadas por meio de um processo de reescrita e modificadas por outras pessoas. Essa impressão seria em razão de o livro não ter sido feito do “mesmo tecido”.

Na estilística, um texto é frequentemente comparado a um tecido. Um desenho de tecido em uma superfície visto à distância, parece ser da mesma cor. Mas,

59 Tradução nossa de: It is worth asking, therefore, whether it is conceivable that Saussure, who could not even make up his mind to finish and publish the 1891 text *Essence double*, even despite the advanced state of a text written in his own hand, would have allowed publication of students' lectures notes, jotted down in haste, which were inevitably approximate.

em uma inspeção mais próxima, os fios de várias cores são revelados. Assim é o *Curso*. O objetivo principal de uma publicação como a atual é desvendar linhas, examinar um dos componentes que entraram na tecelagem do texto que os editores de Saussure publicaram em 1916.⁶⁰ (KOMATSU, 1993, p. vii, terceiro curso).

Evidentemente, o CLG leva tanto as impressões de Saussure quanto dos editores. As ideias e aulas são de Saussure, mas o fato de os editores fazerem uma recriação implica necessariamente a presença dos mesmos na escrita de todo o livro. E essa intervenção é colocada pelos próprios no prefácio do CLG.

De acordo com Silveira (2007), há na edição um movimento que lhe é próprio e leva tanto as marcas de Saussure quanto dos editores, mas ao ler o *Curso* percebe-se que as ideias presentes são do mestre genebrino. O *Curso* é uma edição póstuma “que supõe esse tipo de operação” (SILVEIRA, 2007, p. 42).

Roy Harris (2003, p.1) atesta que as ideias de Saussure de forma direta ou indireta dominaram o desenvolvimento do século XX das disciplinas acadêmicas sobre a linguagem, além de influências sobre antropologia, sociologia e psicologia. Entretanto, devemos ter cautela na leitura de Saussure, pois deve haver uma distinção clara entre as suas ideias e as ideias atribuídas a ele.

O que Harris (2003) explicita é que Saussure, como não deixou o *Curso* escrito, será sempre uma interpretação. Essa interpretação teve início com os alunos que assistiram aos cursos e posteriormente com os editores que fizeram uma colação dos cadernos desses alunos para criação de um livro atribuído a Saussure.

Para Engler (*apud* Harris, 2003, p.15), os alunos de Saussure eram anotadores assíduos e conscienciosos e no final das aulas alguns, como Riedlinger, conferiam seu caderno com o dos colegas a respeito de temas que ficaram em dúvida ou que a compreensão não havia sido exposta de forma clara. Essa afirmação é inferida a partir da forma como as anotações eram feitas, porque havia escritos a lápis ao lado das anotações feitas a caneta. Nessa perspectiva, Harris questiona: será que os alunos sempre entenderam as ideias de Saussure? O que foi anotado pelos alunos sempre será confiável?

Deve-se recordar mais uma vez que as anotações foram feitas pelos alunos durante uma aula. Numa sala do início do século XX, em que não havia recursos tecnológicos

60 Tradução nossa de: In *Stylistics*, a text is often compared to a fabric. A woven design on a surface, seen from a distance, appears to be all of the same colour. But on closer inspection, threads of various colour are revealed. So it is with the *Cours*. The main aim of a publication such as the present one is to disentangle threads, to examine one of the components that went into the weaving of the text that Saussure's editors brought out in 1916.

suficientes para registrar as aulas; logo os alunos anotavam conforme o professor falava. Sabemos da impossibilidade de copiar todas as reflexões de um professor, ainda mais no caso de Saussure, em que muitas reflexões pareciam surgir durante as aulas. Essa complexidade das anotações dos alunos é um ponto chave na dificuldade para elaboração de um livro. Assim, temos anotações de alunos que captaram os ensinamentos do mestre durante as aulas, que depois foram lidas pelos editores e, por fim, colocadas no livro.

É preciso reafirmar que os originais estão perdidos para sempre. Uma organização dos papéis manuscritos de Saussure lhes empresta uma ordem a partir da interpretação do catalogador. Uma transcrição irá, necessariamente, orientar-se para escolhas diante do material manuscrito, que, ao lhe alterar a forma, já incide no seu conteúdo. Uma operação ainda mais complexa acontece quando se escuta alguém, se faz uma anotação, outra pessoa faz uma leitura e edita em capítulos para transformar em livro. (SILVEIRA, 2016, p. 24).

Para Silveira (2016), os originais estão perdidos para sempre. No início do século XX não havia como recuperar uma fala. O que se tem da fala de Saussure são as anotações feitas pelos alunos, “as notas dos discípulos de Saussure foram apanhadas ao vivo na hora, como cada um podia anotar” (SALUM, 2012 [1970], p. 16). Ainda nessa visão da oralidade, Silveira (2016) complementa:

O CLG é uma edição complexa, que envolve uma fala, cuja integralidade é irrecuperável, e as anotações de vários alunos, cuja articulação está submersa na edição [...] a edição não é obviamente, a fala de Saussure, e não se pode cobrar isso dela. (SILVEIRA, 2016, p. 26-27).

Diante de relatos de alguns alunos, dos editores e de Godel, citados anteriormente, reiteramos que Saussure raramente anotava o conteúdo a ser ministrado em suas aulas. Diante disso, novamente Harris (2003, p. 17) questiona: será que por não preparar as aulas de forma escrita, sem muitas anotações, essas opiniões eram passadas com exatidão e lucidez da forma que ele desejava? E ainda indaga o fato de os alunos não estarem preparados, e talvez Saussure pudesse explicar de uma forma mais fácil para que elas se tornassem entendíveis e aceitáveis. Remete esse pensamento ao filósofo Jean Paul-Sartre que afirma que em alguns casos há de se ter um “emburrecimento” das ideias para que sejam aceitas, ou seja, haver um enfraquecimento para que o público entenda a mensagem que se quer passar. Seria esse o pensamento de Saussure ao admitir em carta a Gautier que se sentia desconfortável em expor suas ideias a alunos que não eram linguistas e ainda, deveriam ser avaliados ao final do curso?

Harris (2003, p. 17) ainda acrescenta que Sechehaye ratifica sua insegurança em relação ao entendimento no *Collation*⁶¹. Em várias ocasiões ele declara que as anotações eram “muito confusas” (coll.: 144), “ininteligível” (Coll.:150) ou “mal compreendida” (Coll.: 392). Também critica Joseph, porque suas as anotações têm “uma tendência exagerada, e de forma demasiadamente absoluta” (Coll.: 306, tradução nossa) e ainda, afirma em um trecho do *Collation*: “Eu levei meia hora para encontrar o sentido”⁶².

No TCLG, Komatsu e Harris analisam os cadernos de Emile Constantin que foram doados por ele mesmo à Biblioteca Pública e Universitária de Genebra em 1958. Essa apresentação dos cadernos, para os autores, seria fundamental para o entendimento do verdadeiro pensamento de Saussure, principalmente sobre a linguagem, pois nestes cadernos consta uma imagem mais clara e um pensamento mais maduro de Saussure, “antes de passar pelas transformações de Bally e Sechehaye” (KOMATSU e HARRIS, 1993, p. xi). Continuando, conclui que devemos voltar nossa atenção para esses cadernos mesmo que acabe com o encanto do livro no qual a imagem de Saussure foi construída.

A importância de publicar os cadernos de Constantin, para os autores, se justificaria por dois motivos: primeiro por conter o registro mais completo do terceiro curso e, segundo, porque eles não foram utilizados para confecção do CLG, por Bally e Sechehaye.

Harris (2003) concorda com Komatsu, assegurando que o material mais confiável para o terceiro curso é o de Constantin, para quem “Saussure nunca disse várias coisas que o texto de 1916 faz com que ele diga”⁶³ (CONSTANTIN *apud* HARRIS, 2003, p. 42). Ele ainda ratifica que diferentes estudantes podem ter interpretado Saussure de maneiras distintas e, ainda, que Saussure poderia ter se expressado de várias formas em momentos diferentes. Daí a dificuldade em fazer uma interpretação de cadernos.

Simon Bouquet (1997), após ter acesso aos manuscritos de Saussure em 1996, enuncia que apesar de Bally e Sechehaye terem realizado uma “síntese magistral da reflexão saussuriana” pelo fato de a obra ter sido um sucesso, apresentam, em contrapartida, um “reflexo deformado” do pensamento de Saussure, falseando tanto nas notas dos alunos quanto nos manuscritos, fazendo assim com que o pensamento do mestre sobre a Linguística Geral não fosse o autêntico, e apenas os originais mostrariam o verdadeiro Saussure. Além do mais,

⁶¹ Agrupamento de notas dos alunos que A. Sechehaye utilizou do segundo curso (1908-1909). Esta localizado na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra (MS. Cours univ 435). GODEL, R. Notes inédites de F. de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Revue suisse de linguistique générale, n.12. Genève: Librairie Droz S.A., p. 49. Genève, Librairie Droz, 1954.

⁶² Tradução nossa de: J'ai mis une demi-heure à leur trouver uns sens. (SECHEHAYE *apud* HARRIS, 2003, p.17)

⁶³ Tradução nossa de: Saussure never said several things the 1916 text makes him say.

acrescenta que o CLG falseia as notas dos cursos, mostrando um pensamento de forma acabada, quando, no entanto, havia um pensamento em formação.

Em primeiro lugar, o *Cours* é organizado *segundo a lógica de um sistema acabado* – uma lógica, imposta aos textos originais, que comanda o plano do livro assim como algumas de suas proposições e articulações – enquanto que, nas notas dos alunos e nos manuscritos, esse sistema, a bem dizer, não existe: esses textos testemunham, ao contrário, um pensamento formado por pinceladas separadas, que chega, em seus desenvolvimentos mais precisos, a assumir a forma de aforismos. (BOUQUET, 1997, p.13-14).

Faraco (2016, p.20), concordando com Bouquet, declara que é preciso cautela na leitura do CLG, pois os organizadores-redatores não ouviram as aulas e, além disso, deram ao pensamento de Saussure a forma de uma “coisa acabada”, quando o pensamento do mestre ainda estava em construção, com muitas dúvidas a serem esclarecidas, e, por fim, os editores além de simplificarem algumas partes ainda inseriram partes inteiras. Todavia, afirma que, independente da origem, o CLG teve um impacto considerável no pensamento do século XX.

Cruz e Faria (2019) questionam se não seriam essas dúvidas sobre a autenticidade das ideias de Saussure e fixação desses pensamentos que fariam com que sempre retornassem ao livro de 1916, pois, para os autores, apesar da tentativa louvável dos editores, eles ainda assim colocaram algumas contradições no texto.

Com efeito, do nosso ponto de vista, a tentativa de Bally e Sechehaye de fornecer ao público sob a forma de obra acabada um pensamento que se encontrava ainda em pleno processo de formação conduziu à redação de um texto que, finalmente, apesar dessa tentativa louvável de fornecer um apanhado das ideias de Saussure sobre a linguística geral, incorre em contradições não sem importância. São contradições que concernem a temas fundamentais, como a própria delimitação do objeto da Linguística. Assim, por exemplo, ao mesmo tempo em que o CLG apresenta um Saussure que teria concebido a língua como um objeto a ser estudado em si mesmo e por si mesmo, ele também apresenta, por outro lado, um Saussure para quem, ao contrário, nenhuma conclusão é possível quando se estuda a língua fora de sua realidade social e histórica. Não seria esse fato uma das causas fundamentais que fazem com que o pensamento de Saussure tenha vida longa, inicialmente suscitando tentativas de fixação desse pensamento, com fins legitimadores, depois, suscitando a necessidade de um retorno com base em novos manuscritos descobertos mais tarde, com vistas a esclarecer pontos obscuros do texto de 1916? (CRUZ e FÁRIA, 2019, p. 5).

De Mauro (2005[1967]) observa que Bally e Sechehaye elaboraram o texto do livro a partir de anotações dos alunos de Saussure durante os três cursos de Linguística Geral e raras notas autografadas pelo mestre em seus papéis. No entanto, para o autor, os fragmentos do

pensamento saussuriano são em geral compreendidos de forma clara e fielmente relatados aos leitores. “O Curso é, portanto, a soma mais completa da doutrina saussuriana e provavelmente está destinada a permanecer assim.” (DE MAURO, 2005[1967], p. x)⁶⁴.

Normand (2014) também compactua da mesma posição de De Mauro; ela nota que a diferença entre o Curso e os originais é, em primeiro lugar a questão da organização. Nos manuscritos, as ideias de Saussure aparecem de forma desorganizada e conclui que o Curso “é o único texto facilmente legível de maneira contínua, a ser lido como tantos outros fizeram para seu maior proveito” (NORMAND, 2014, p.12). No entanto, nos manuscritos temos a escrita real de Saussure, ou seja, a autenticidade.

Alguns chegam a acusar os editores de ter deliberadamente deformado, travestido, ou mesmo censurado o pensamento saussuriano. O texto do Curso, em sua continuidade e sua coerência reconstruídas, encontra-se assim sob suspeita, até mesmo despojado de qualquer valor, substituído enganador oposto ao pensamento autêntico que teria um texto ideal [...]. (NORMAND, 2009, p. 21).

A autora percebe que alguns autores chegam a acusar os editores de ter deformado o pensamento de Saussure. Não é essa a posição de Normand. Para ela, o CLG representa as ideias de Saussure, mesmo havendo a edição. O fato de haver manuscritos não invalida a leitura do CLG.

Esses rascunhos, desconhecidos dos editores do Curso de 1916, tornam a leitura deste livro, ao mesmo tempo, mais rica, mais complexa e, também, mais inquietante – diante das constantes hesitações, até mesmo dos tormentos que lá estão manifestos -, porém eles não a invalidam. Era, pelo menos, a opinião que Engler opunha àqueles que somente querem ver no Curso algo ‘falso’. Seguirei aqui a posição, particularmente autorizada, do editor da edição crítica. (NORMAND, 2014, p. 12)

Também Silveira (2007) reafirma essa ideia, explicando que deve haver um posicionamento do leitor e não somente dos linguistas nessa distinção entre o Saussure dos manuscritos e o Saussure do *CLG*.

Trata-se de um novo momento em que o estatuto do CLG demanda uma posição do seu leitor e não só dos linguistas, porque nenhuma área que queira se valer das elaborações de Saussure poderá ir adiante sem se posicionar a partir do momento em que houve a exposição dessa fratura no CLG que, definitivamente, coloca uma hiância entre a edição e Saussure. (SILVEIRA, 2007, p. 37)

⁶⁴ Tradução nossa: Le Cours es donc la somme la plus complete de la doctrine saussurienne, et il est probablement destine à le rester.

Verificamos que o livro CLG trouxe aos autores questionamentos quanto à fidelidade das ideias de Saussure. Para nós fica claro que, apesar das inferências dos editores, as ideias são de Saussure e essa conclusão se baseia após a leitura dos cadernos dos alunos, principalmente na questão do par conceitual diacronia e sincronia.

3.7 Linguística para Saussure

Godel (1969 [1957]) questiona qual o lugar da Linguística Geral para Saussure? “Quanto mais nos dedicamos a descobrir os traços da atividade e das preocupações de F. de Saussure, tanto mais a sua pessoa se envolve de mistérios” (GODEL, 1969[1957], p. 35).

Na tão referenciada carta a Meillet, em 4 de janeiro de 1894, Saussure expõe o ponto de vista sobre o curso de Linguística Geral, o qual ministrava. Esse período é o momento em que Silveira (2014) denomina “intervalo teórico de Saussure”. De acordo com a autora, Saussure durante esse período envia duas cartas: uma a Meillet em 1894 e outra a Havet em 1910. No entanto, mesmo não havendo publicações de Saussure nessa época, ou seja, entre 1894 e 1910, a descoberta da imensa quantidade de manuscritos deste período confirma “um período intenso de fértil trabalho que marcou o século XX” (SILVEIRA, 2014, p. 9).

[...]. Estou bastante insatisfeito com tudo isso e com a dificuldade que há em geral em escrever somente dez linhas, que tenha o sentido comum em matéria de fatos de linguagem. Preocupado, sobretudo desde muito tempo com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista sob os quais os acolhemos, vejo cada vez mais a enormidade do trabalho que se faz necessário para mostrar ao linguista o que ele faz reduzindo cada operação à sua categoria prevista; e ao mesmo tempo a grande variedade de tudo o que se pode enfim fazer finalmente na linguística. (SAUSSURE *apud* NORMAND, 2009, p.27).

Calvet (1975, p. 43-44) reafirma ser Saussure “mais um homem das línguas do que da língua”. Analisa também um paradoxo na produção de Saussure, conjecturando que entre 1905 e 1910 o mestre lecionava cursos em que quase não escrevia, e que eram quase imperceptíveis as evidências de preparação dos mesmos, havendo improvisação em grande parte e desses “pedaços de papel” surge um livro. Além disso, redige diversos cadernos sobre os anagramas, praticamente prontos para publicação, e, no entanto, apenas na década de 1960 essas pesquisas chegaram ao conhecimento do público. Destaca, ainda, que a linguística geral era para ele um meio e não um fim.

Em carta a Meillet, o mestre genebrino se dizia mais preocupado em transmitir suas

ideias de uma forma acessível a estudantes não preparados do que acrescentar algo novo. No primeiro curso, apresenta a terminologia de forma mais prudente, era constituída de palavras como signo e valor. Já, no segundo curso, Saussure teria tratado da língua, até então apenas esboçada.

Após o primeiro e segundo cursos, ele se revela insatisfeito com o rumo tomado no curso, pois ele ainda não havia deixado claras suas ideias. Assim, numa conversa com Gautier em 06 de maio de 1911, ele expõe suas dúvidas em como conduzir o curso:

[...] Eu me vejo diante de um dilema: ou expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, que não é adequado para um curso que deve ser objeto de avaliação. Faço algo bem simplificado, mais adequado a um público de alunos que não são linguistas. Mas a cada passo, me vejo parado por escrúpulos.⁶⁵ (SAUSSURE *apud* DE MAURO, 2005[1967], p. 355).

A insatisfação de Saussure é justificável, pois se tratava de um curso em uma Universidade, em que os alunos seriam avaliados ao final das aulas; assim, o mestre deveria seguir um cronograma estabelecido.

Harris (2003) critica os editores no que diz respeito ao lugar da linguística para Saussure em relação aos estudos da gramática comparada. Para ele, os editores colocaram a pesquisa do material indo-europeu como irrelevante, mas Saussure no primeiro curso ministrou esse conteúdo e no segundo houve um volume ainda maior sobre esse tema.

No segundo curso, o ensino das línguas indo-europeias foi tão marcante que Komatsu chegou a ressaltar que os cursos estariam mais voltados para a descrição dos idiomas do que para a linguística geral propriamente dita. Isso nos coloca numa percepção de comparação entre a linguística geral e a gramática comparada para Saussure.

Harris (2003), analisando o segundo com o terceiro curso, percebe a insatisfação de Saussure com o que havia abordado no segundo curso e, por isso, no terceiro ele trabalhou a pesquisa indo-europeia de maneira diferente: ampliou a visão das famílias linguísticas, incluindo as línguas semíticas, dedicando a elas parte do terceiro curso (janeiro a abril de 1911). Apesar de no segundo curso ter uma seção “*Aperçu de la linguistique indo-europeenne comme introduction à la linguistique générale*”⁶⁶, isso não foi exposto no CLG, o que o faz deduzir que

65 Tradução nossa de: Je me trouve place devant un dilemme: ou bien exposer le sujet dans toute sa complexité et avouer tous mes doutes, ce qui ne peut convenir pour un cours qui doit être matière à examen. Ou bien faire quelque chose de simplifié, mieux adapté à un auditoire d'étudiants qui ne sont pas linguistes. Mais à chaque pas, je me trouve arrêté par des scrupules.

66 Tradução nossa: Visão geral da linguística indo-europeia como introdução à linguística geral.

a linguística geral e a gramática comparativa eram complementares e não havia uma divisão clara entre as duas.

Todavia, para Harris, essa visão não remete à visão dos editores. Afirma que na edição dos cursos, os editores demonstram priorizar o estudo da linguística geral em relação à gramática comparada ou, o estudo sincrônico ao diacrônico, e ainda, fazem uma crítica generalizada de Saussure aos estudos comparados e seus métodos.

Embora alguns autores defendam haver uma ruptura dos estudos linguísticos com a gramática comparada, no caderno dos alunos essa visão não se sustenta. Ao contrário, os estudos linguísticos e a gramática comparada estão relacionados e se complementam. Komatsu (1993) mostra que o grande mérito de Saussure foi fazer uso do conhecimento da gramática comparada, acumulado durante anos de estudo, com as generalizações sobre a linguagem.

Verificamos que essa obra publicada em 1916, ainda que depois de um século, desperta muitos questionamentos, inquietudes em sua leitura e alguns até partem em busca de fontes “verdadeiras”. Porém, nenhum linguista discorda de sua importância para a Linguística ao torná-la uma ciência autônoma, ao definir o objeto a ser estudado; e, ainda, oportunizou uma nova forma de abordar os estudos sobre uma perspectiva sincrônica, diferindo da forma dos estudos daquela época.

Se a questão da inversão da ordem trouxe questionamentos e inquietudes quanto à publicação do CLG, fica claro para nós que, se não houvesse a publicação do livro, os linguistas jamais teriam conhecimento das ideias do mestre genebrino.

Ademais, apesar da ordem do livro não seguir a ordem do CLG, concordamos com De Mauro quando assegura que o livro contém as ideias originais de Saussure e que há nos cursos um movimento em relação aos conceitos de diacronia e sincronia, fazendo com que essas perspectivas estivessem presentes em todos os três cursos ministrados. Sendo assim, a ordem tem importância secundária em relação à teorização de Saussure apresentada no CLG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do nosso trabalho, propusemo-nos a demonstrar o percurso de elaboração de Saussure nos conceitos de diacronia e sincronia no que tange à ordem da edição do CLG.

Para compreendermos de que modo houve a construção da teorização de Saussure em relação a esse par conceitual, partimos inicialmente dos trabalhos de estudiosos da linguagem anteriores e contemporâneos de Saussure, os quais tiveram sua formação na Gramática Comparada.

Dessa forma, no Capítulo 1, realizamos leituras de autores que expõem os estudos da Gramática Comparada. Para essa reflexão desse período, destacamos alguns autores em que nos baseamos, tais como Morpurgo Davies (1998) e Aurox *et al.* (2000).

Esses estudos da linguagem do século XIX tiveram importância fundamental para a teorização de Saussure, pois é nessa época de fecundidade de escrita do autor que escreve o *Mémoire*, obra que permite aos linguistas contemporâneos a Saussure o conhecimento de suas ideias, que se organizam na forma diacrônica.

Logo após, desenvolvemos o percurso da teorização de Saussure nos cursos de linguística geral, ministrados na Universidade de Genebra. Para isso, utilizamos os cadernos dos alunos: Albert Riedlinger, editado por Eisuke Komatsu e George Wolf, no ano de 1996 para o PCLG; para o SCLG, Eisuke Komatsu e George Wolf, em 1997, editaram os cadernos de Albert Riedlinger e Charles Patois. Para nosso trabalho, utilizamos o caderno do primeiro, pois, de acordo com nota dos editores, esse caderno se mostrou de forma mais completa e com mais detalhes que os de Patois. Para o TCLG usamos como referência o caderno de Emile Constantin, editado por Eisuke Komatsu e Roy Harris em 1993.

Esse retorno aos cadernos nos permitiu verificar a ordem cronológica das aulas em que foram apresentados os conceitos de diacronia e sincronia. Em confronto a essa ordem cronológica, verificamos de que forma a edição do CLG formulou o deslocamento dos conceitos de diacronia e sincronia.

Após esse retorno aos cadernos, no Capítulo 3 abordamos a questão da ordem do CLG. Para isso, retomamos a forma em que houve a confecção do CLG, trazendo as próprias considerações dos editores tanto no prefácio da obra, quanto em cartas trocadas para que se desse início a esse projeto.

Além do mais, apresentamos as edições críticas de Robert Godel, Rudolf Engler e Tullio de Mauro que, para nós, tem uma função complementar de auxílio à leitura do CLG.

Dessa forma, com base em nossas reflexões ao longo da dissertação, verificamos que, apesar da formação teórica de Saussure ter início com os estudos da Gramática Comparada, Saussure foi muito além dos seus contemporâneos, o que resultou em um novo ponto de vista sobre os estudos da linguagem, definindo o objeto de estudos da Linguística e tornando possível mostrar uma nova perspectiva para estudar o objeto língua: a sincronia.

Também observamos que, embora a ordem de edição do CLG não tenha seguido a ordem cronológica dos cursos, ela não consegue anular a importância consagrada pela publicação dessa obra.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, S. Les antinomies méthodologiques. In: **Histoire des idées linguistiques: l'hégémonie du comparatisme**. Vol. 3. Bélgica: Mardaga, 2000.
- BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Cultrix, 2012[1970].
- BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CALVET, L. Postface. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale** [1916], publié par C. Bally et A. Sechehaye avec la collaboration de A. Riedlinger, édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Editions Payot & Rivages, 1967 (2005), p. 505-513.
- CALVET, L. **Saussure: pró e contra - para uma lingüística social**. Tradução Maria Elizabeth Leuba. São Paulo: Cultrix, 1975.
- COELHO, M. P. Significação em Saussure: Os três cursos de Linguística Geral. In: **Anais do Silel**. v. 3, n.1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- COLOMBAT, B.; FOURNIER, J. PUECH, C. **Uma história das ideias linguísticas**. São Paulo: Contexto, 2017.
- CRUZ, M. A. Por que (não) ler o Curso de linguística geral depois de um século? In: FARACO, C. A. (Org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola, 2016.
- CRUZ, M. A. e FARIA, N. R. B. Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de Saussure. In: **Leitura**, Maceió, v. 1, nº 162. Maceió, 2019.
- DE MAURO, T. Introduction et Notes. In: SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale: édition critique** par Tullio de Mauro. Paris, Payot, 1967 (2005).
- DUCROT, O. **Estruturalismo e Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1968.
- ENGLER, R. Préface. In: SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale: édition critique** par Rudolf Engler. Tomo 1, Otto Harrassowitz - Wiesbaden; 1967.
- ENGLER, R. The making of the Cours de linguistique générale. In: SANDERS, C. **Saussure**. Cambridge University Press, 2004.
- FARACO, C. A. (Org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola, 2016.
- FARACO, C. A. **Linguística Histórica**. Uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Edição revista ampliada, 2005.

FARIA, N. R. B.; CASTRO, M. F. P. de. Estudos saussurianos hoje. **DELTA**, São Paulo, v. 34, nº 3, jul./set. 2018. <https://doi.org/10.1590/0102-445042084306459041>

FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (orgs.). **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

GODEL, R. Notes inédites de F. de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Revue suisse de linguistique générale, n.12. Genève: Librairie Droz S.A., p. 49-70. Genève, Librairie Droz, 1969 [1957].

_____. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. De Saussure**. Genève, Librairie Droz, 1969.

HARRIS, R. **Saussure and his interpreters**. 2. ed. Edinburgh: University Press, 2003.

HENRIQUES, S. M. **O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. 91 f.

HENRIQUES, S.M. **Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas: uma relação entre a fala e a história**, UNICAMP, 2019.

MERCER, J. L. In: FARACO, C. A. (Org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola, 2016.

MORPURGO DAVIES, A. **History of linguistics: nineteenth century linguistics (v. IV)**. New York: Routledge, 1998.

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009 [2000].

_____. Proposições e notas para uma leitura de Ferdinand de Saussure. In: **Convite à linguística**. Org. Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. Trad. de Cristina de Campos Velho Birck *et al.* São Paulo: Contexto, 2014.

PAUL, H. **Princípios fundamentais da história da língua**. Trad. Maria Luisa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966[1880].

REDARD, G. **Charles Bally disciple de Ferdinand de Saussure**. Cahier 36, 1982.

SALUM, I. Prefácio. In: SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Org. por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Trad. De A. Chelini; J. P. Paes e I. Bliksten. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. **Première Cours de Linguistique Générale (1907) : d'après les cahiers d'Albert Riedlinger/ Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907) : from the notebooks of Albert Riedlinger**. French text edited by George Wolf e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1997.

_____. **Deuxième Cours de Linguistique Générale** (1908-1909): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois / Saussure's second course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois. French text edited by George Wolf e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1996.

_____. **Troisième Cours de Linguistique Générale** (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

_____. **Escritos de Linguística Geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucio Franco. São Paulo: Cultrix, 2012[2002].

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. In: **LETRAS & LETRAS**, v. 25, n. 1, Jan/Jun. 2009 - Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística.

_____. **O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX**. Revista Matruga, Rio de Janeiro, v. 21, n. 34, 2014.

_____. **Problemas da autoria em Ferdinand de Saussure: do percurso intelectual à constituição da obra**. Revista Leitura, Maceió, 2019.

SOFIA, E. **Cent ans de philologie saussurienne**. Lettres échangées par Albert Sechehaye et Charles Bally en vue de l'édition du *Cours de linguistique générale* (1916). Cahier 66, 2013.

SOUZA, M. **Hipogramas saussurianos: possíveis relações com o conceito de analogia**. Acesso em 24/04/2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502018000300975&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>.